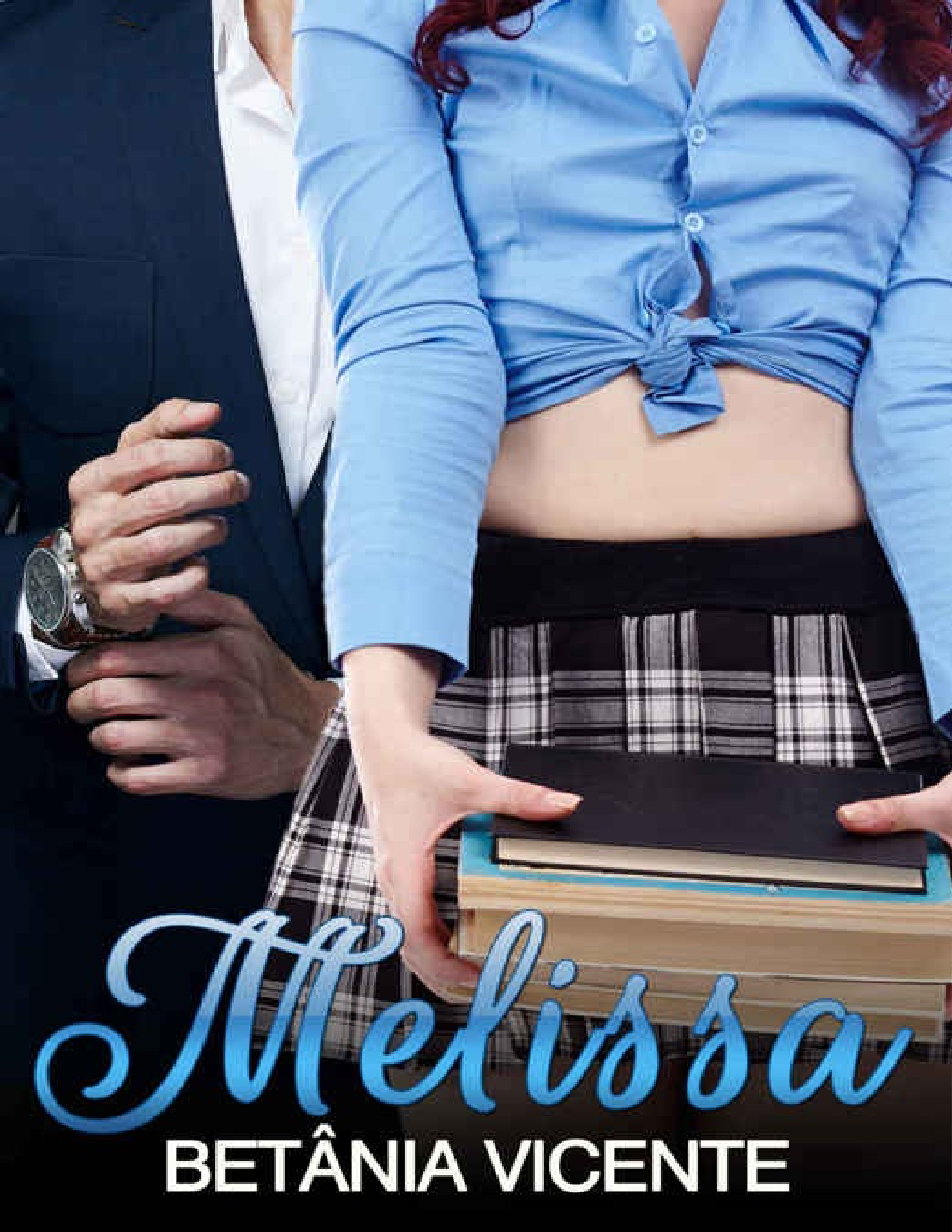




Melissa

BETÂNIA VICENTE



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)



Melissa

Betânia Vicente

Copyright © 2019 – Betânia Vicente

Capa: Dammy Costa
Diagramação: Veveta Miranda
Revisão: Lucy Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do(a) autor(a). Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte destas obras, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito do(a) autor(a) ou da editora.

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Dedico esse livro à minha mãe Rosa Helena Vicente.

Sumário

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Epílogo](#)
[Agradecimentos](#)



Capítulo 1

O meu dia não começa muito bem. Sou acordada por um bendito despertador. *Que saco, levantar cedo não é o meu forte*, penso. Eu sei que você não deve estar entendendo nada, mas, com o tempo, vai entender.

Tenho dezessete anos, estou no último ano do ensino médio e, graças a Deus, estou prestes a me formar.

Moro com a minha mãe, Elisa. O meu pai morreu quando eu era pequena, vítima de um acidente. Minha mãe não é de ficar falando sobre a vida dela e até respeito isso. Mas ela sempre me diz que eles eram apaixonados, até que numa noite ele acabou sofrendo um acidente, deixando a minha mãe viúva, e eu, órfã.

Depois que meu pai morreu, minha mãe não foi mais a mesma, nunca mais saiu para namorar ou até mesmo sair com as amigas, principalmente a mãe da Gabi.

Sabe, gosto de pensar que meu príncipe encantado está me esperando lá fora, um dia nós vamos nos encontrar, nos apaixonar, casaremos e viveremos felizes para sempre. Os pensamentos que estou tendo de encontrar o príncipe encantado... falando em casamento... estou doida mesmo.

Olho ao redor do meu quarto e vejo que ele é do jeito que sempre quis, claro que não é todo cor-de-rosa como a maioria das meninas gostam. Não, o meu as paredes são pintadas da cor do céu, com nuvens. Minha cama, onde

agora estou deitada, é de casal, sempre fui muito espaçosa. Nesse momento, me encontro com preguiça de levantar, mas tomo coragem e levanto vagarosamente.

Poxa, eu queria tanto ficar na minha cama, parece que ela está me chamando: “Vem, Mel, deita aqui. Estou muito boa, te esperando, olha esses lençóis, que delícia...”. *Oh, cama maldosa*, penso. E com um último olhar para ela, vou direto para o banheiro e tomo um banho bem longo e quente, para ver se acordo. Sou a preguiça em pessoa.

Ao terminar, volto de novo ao meu quarto para ver o que vou vestir, é claro que tem que ser o uniforme. Vou confessar, é ridículo ter que colocar essa camiseta preta com o emblema da escola. O bom é que a calça a gente pode escolher. Sempre uso jeans. Ao me vestir, olho no espelho e vejo que estou com um corpão. Não que eu seja uma Miss Universo, mas acho que dá para o gasto. Eu tenho um corpo normal para qualquer adolescente, e sempre passo por aquele efeito sanfona, engordo e emagreço direto. Mas não sou aquele tipo de garota que se preocupa em ficar magra, como modelo, não. Eu como de tudo.

Sou pequena, ruiva e o rosto com algumas sardas. Como toda ruiva deve ser, venho acompanhada com olhos verdes expressivos e grandes. Penteio meus longos cabelos e os prendo deixando alguns cachos soltos, o que me faz ficar com uma aparência ao mesmo tempo de menina e mulher fatal. Faço uma maquiagem bem leve, estou indo para a escola e não para uma festa. Se bem que, logo, logo vai ser a nossa formatura, quero dizer... bem que eu queria, ainda estamos no início das aulas.

A música *So What* da *Pink* soa alto pelo meu quarto e sei que é meu celular tocando. Ao pegar o aparelho, vejo que é minha amiga Gabriela. Sabe aquela pessoa que você pode contar com ela para tudo? Pois então, é ela.

— Fala, Gabi. — Atendo, bem direta.

— *Oi, Mel. Estou aqui fora te esperando* — Gabi avisa. Vou até a janela do meu quarto e a vejo parada, olhando para a janela. Quando me vê, acena com a mão e retribuo da mesma forma

— Por que não entra aqui em casa, Gabi?

— Não, Mel. Se eu entrar, a gente se envolve no papo e esquece da vida. Quero ir logo pra escola pra ver se meu dia acaba logo — fala entredentes. Bom, você viu que não sou a única que reclama da escola. Afasto-me da janela e pego a minha mochila de caveiras.

— Já estou indo, amiga — aviso.

— Ok te espero, mas não demora — concordo e desligo o celular.

Vou ao encontro de minha mãe que faz cara de reprovação ao ver meu cabelo. Para ela, meu cabelo tem que ficar solto e não preso do jeito que está.

—Mãe, estou atrasada — falo rápido, antes que ela venha com a história de que eu tenho que me arrumar melhor.

— Estou vendo, Mel. Pelo menos tome um suco — pede. Vou até a cozinha e pego o suco que ela fez com carinho, tomo rápido, ao mesmo tempo que a escuto dizer:

— Mel, você deveria acordar mais cedo. Nunca vi uma menina dormir tanto como você — reclama e sou obrigada a concordar.

— Mãe, eu preciso dormir, estou em fase de crescimento ainda e você sabe como os hormônios dessa fase nos deixam sonolenta — justifico e vejo a cara de perplexidade de minha mãe.

— A Gabi não vai entrar?

— Não. Eu convidei, mas ela disse que vamos nos atrasar mais ainda — respondo. Vejo minha mãe pegar uma garrafinha e encher de suco.

— Leva pra ela — diz e me entrega a garrafinha. — Vê se vocês comem alguma coisa direito lá, hein!

— Obrigada, mãe, pode deixar.

Dou um beijo rápido em seu rosto e aviso que vou estar em casa para o almoço. Essa é umas das coisas que eu mais gosto fazer. Amo ficar com ela e, claro, com a minha amiga Gabi. Despeço-me, novamente, e saio de casa.

Encontro uma Gabi andando pra lá e pra cá. Com certeza já está nervosa por eu ter demorado. Antes mesmo de eu abrir a boca, ela me vê e dispara a falar:

— Caramba, Mel, que demora foi essa? Estava se produzindo para o seu príncipe encantado? — questiona em um tom mordaz.

— Que bicho mordeu você, Gabi? — pergunto, já estranhando ela falar desse jeito. Se bem que ela fica desse jeito quando está de TPM.

— Estou de TPM, você acredita? — comenta e eu apenas concordo. Entrego a garrafinha para ela, que me olha sem entender nada.

— Minha mãe mandou essa garrafinha com suco de laranja pra você.

— Agradeça a ela depois, Mel. Desculpa, mas eu fico terrível quando estou de TPM — diz, um tanto envergonhada.

Sei como é, só que no meu caso, vou parar até no hospital com muitas dores. Minha mãe me levou ao ginecologista quando completei quinze anos e ela recomendou tomar anticoncepcional para ajudar a aliviar as dores. Graças a Deus elas melhoraram e sei que não posso ficar sem tomar.

— Eu que o diga. Vamos indo, porque a hora passa rápido e, se não nos apressarmos, não vamos conseguir entrar na escola hoje — concluo e apertamos o passo em direção ao ponto de ônibus. Até dava para irmos a pé, mas íamos nos atrasar. Fomos avisadas que teremos um novo professor que começa hoje e não quero chegar atrasada logo no primeiro dia.

— Gabi, como você acha que deve ser esse professor? — pergunto, curiosa.

— No mínimo, ele deve ser baixinho, gordinho e mal-encarado — fala, rindo.

Esse professor irá ficar no lugar da nossa professora que resolveu andar de moto com o marido e caíram, ela acabou lesionando o joelho e vai ficar sem andar durante um bom tempo.

— Deve ser mesmo, eu adoraria que ele fosse menos chato que a nossa

professora Adriana — comento.

— Tomara — concorda Gabi. Logo vejo a escola e dou sinal para descermos. Seguimos o restante do caminho rindo, realmente eu sou uma palhaça, dou risada de tudo, até de filme de terror.

Logo no portão, cumprimento alguns amigos de outras salas. A Gabi entra na minha frente e acabo ficando para trás. No corredor, vejo um homem que, na minha opinião, pode ser chamado de homem com H maiúsculo. Alto, moreno e parece ser lindo de morrer, o terno dá um charme a mais. Mas ele entrou dentro da sala de aula? Acho estranho isso. Mais alguns passos e entro na mesma sala. Quando ele se vira, me olha com aqueles olhos negros cheios de desejo e me faz querer correr para os seus braços, e eu ficaria aninhada neles para sempre.

Balanço a cabeça, afastando os pensamentos. Puta que pariu, que homem é esse? Ele é o novo professor? Acho que me apaixonei.



Capítulo 2

EDUARDO

Ver o dia amanhecer é a coisa mais maravilhosa do mundo. Eu adoro sair para correr antes mesmo de o sol nascer. Enquanto corro pelo parque logo cedinho, vejo pessoas me encarando e devem me achar louco por estar tão disposto logo cedo, mas eu não ligo. Amo a energia que isso me dá para enfrentar o dia.

Hoje vai ser um dia completamente diferente para mim, estou me preparando psicologicamente para enfrentar uma nova turma de alunos para a qual fui chamado a lecionar. Sou formado em letras e licenciatura em literatura. Amo o que faço. Ensinar meus alunos o que eles devem ler, indicar um livro de algum autor maravilhoso como Mario Quintana, Carlos Drummond de Andrade, entre outros é uma coisa que me traz prazer.

Vou ensinar a essa turma como é bom pegar um livro e viajar na leitura. Você entra na história, se transforma no personagem, viajar por diversos lugares, conhece culturas diferente. Claro que não preciso dizer que vou seguir essa profissão para o resto da minha vida.

Termino minha corrida e vejo que já estou quase em cima da hora de ir para a escola, faço o caminho de volta numa corrida menos intensa. Chegando a casa, encontro a minha cadelinha, Bolinha, toda alegre porque cheguei. Ganhei ela de presente dos meus pais quando resolvi morar sozinho, claro que quando

eu dei a notícia, minha mãe não gostou nem um pouco. Para ela, eu tinha que ficar debaixo da saia dela.

Amo muito minha mãe, mas, como toda mãe, ela fica no meu pé para ver quando vou arrumar uma mulher, sabe, para casar e ter filhos. Claro que eu quero isso, só que ainda não encontrei a pessoa certa. Também não vou dizer que sou um santo, sendo que não sou e nunca fui, mas também não sou nenhum galinha.

Dou razão para a Bolinha e subo correndo para tomar um banho. Sou diferente dos professores de hoje em dia, gosto mesmo é de usar um bom terno e gravata, sei que tem gente que acha ridículo usar esse tipo de roupa, mas considerando que já trabalhei em universidades, de grande porte, gosto de estar alinhado. Tomo um banho rápido e me visto. Escolho um terno preto e gravata da mesma cor, já imaginando a cara dos meus novos alunos torcendo o nariz. Borrifo um pouco do perfume que sempre uso, Portinari, pego as minhas coisas e me preparo para sair.

Sou um homem alto, um metro e oitenta de altura, cabelos negros e querendo já aparecer alguns fios grisalhos. Tenho trinta e seis anos e sou o que é chamado de boa pinta, mas, no momento, o que eu mais quero é tranquilidade.

Tranco a porta da casa e vou para a garagem, entro no carro, dou a partida e sigo direto para a escola. Assim que estaciono na porta do estabelecimento, não sei dizer o que estou sentindo neste momento, parece um misto de expectativa e ansiedade... sinto como se a minha vida fosse mudar drasticamente. Olho no relógio e vejo que ainda dá tempo. Pego minhas coisas no banco do carona e sigo direto para a sala da diretora, para me apresentar. Ao chegar, vejo uma moça muito bonita por sinal, só que não faz o meu tipo. Bem, na realidade, eu nem sei qual mulher faz. *Realmente estou precisando sair para me divertir e encontrar umas mulheres.*

— Bom dia! Sou o novo professor de literatura! — Apresento-me para a secretária. Ela se levanta e é uma bela morena, corpo escultural. Ela me avalia e abre um grande sorriso de safada, como se estivesse dizendo “vem aqui, gostosão, que eu vou te pegar”. Se fosse em outra época, eu aceitaria, mas, atualmente, eu não quero mais isso para mim.

— Bom dia, o senhor deve ser o professor Santana — a secretária fala naquele tom aveludado, demonstrando que está a fim de mim.

— Sim — confirmo.

— Aguarde um momento, que vou avisar a diretora que o senhor se encontra à sua espera. — Ela vem ao meu encontro, rebolando sensualmente e passa por mim, seu corpo quase encostando no meu. Ela segue para a porta ao lado e bate.

— Obrigado. — Agradeço antes de ela entrar. Avalio a bela mulher e se fosse em outra época, jogaria meu charme e com certeza ela estaria no papo. Enquanto espero ela me anunciar, penso em como seria maravilhoso encontrar uma mulher pra mim, eu iria venerar o corpo e alma dessa mulher e escrever belas poesias para declarar meu amor por ela.

— Professor, professor. — Ouço uma voz me chamando, eu estava tão longe daqui que fico surpreso ao ver que estava sendo chamado.

— Perdão, eu estava um pouco longe.

— Não tem problema, a senhora Adeline já vai recebê-lo, venha por aqui — avisa e eu agradeço. Entro numa sala muito simples e encontro a senhora Adeline, uma senhora com aquela carinha de vovó bondosa.

— Bom dia, senhora diretora. Sou Eduardo Santana, o novo professor de literatura. — Cumprimento, apertando a mão dela de leve.

— Bom dia, professor. Bem-vindo à nossa escola Maria Trujillo Torloni.

— Eu que agradeço o convite, diretora.

Realmente é mesmo um prazer, estou surpreso por estar sendo bem-vindo numa escola e sendo tratado com todo carinho. Acho que eu nunca fui tão bem tratado, mesmo já tendo trabalhado em escolas renomadas e universidades, mas, nesses lugares, as pessoas mal olhavam em sua cara e sempre estavam falando em comprar carros, sair para baladas, roupas, joias etc.

— Bom, professor, vou apresentar a sua nova turma. O senhor vai lecionar

durante o ano letivo inteiro para eles — a senhora Adeline explica.

— Obrigado, diretora. Estou ansioso para conhecer os novos alunos. Eles são tranquilos ou... como vou dizer...

— Bagunceiros? Bem, professor, eles são um meio-termo, como qualquer turma de adolescentes — completa, já se levantando para que eu a acompanhe. Saímos da sala e seguimos por um corredor aonde vários alunos estão transitando a caminho de suas respectivas salas de aula. Por onde passamos, os alunos nos olham com curiosidade.

Algumas meninas olham para mim e fazem aquela cena típica de abanar a mão como dizendo que estão com calor. A minha vontade é de dar risada, essas meninas ainda têm muito que aprender. Os alunos cumprimentam a diretora, que conhece a maioria pelo nome. Enfim, paramos numa sala. Reparo que a sala não está completa, sinal que ainda alguns alunos estão para chegar. Entramos e todos param de falar ao nos ver, ficam nos olhando com curiosidade.

— Bom dia, alunos — a diretora diz. Ouço um bom-dia tímido da parte deles e vejo o quanto estão curiosos. — Esse é o novo professor de literatura de vocês, quero que o tratem bem e desejem um bom-dia a ele.

— Bom dia, professor — falam em coro.

— Bom dia, caros alunos. — Cumprimento.

— Bom, professor, vou deixar o senhor com os alunos. Com licença, alunos.

— Obrigado, novamente, diretora Adeline.

— Eu que agradeço, professor — responde e sai da sala. Viro novamente para os alunos. vendo que todos estão esperando para ver o que vou falar.

— Bem, alunos, meu nome é professor Eduardo Santana. Vou ficar com vocês durante o afastamento da outra professora. Gostaria que todos se acomodassem e se apresentassem — peço e vejo que eles começam a se movimentar. Cada um seguindo para a sua carteira.

Os alunos começam a se apresentar, vou olhando para eles e arrumando a minha mesa ao mesmo tempo. De repente entra uma aluna carregando uma garrafinha, que eu imagino que seja água, ela se apressa a procurar o seu lugar. Os alunos continuam a se pronunciar quando mais uma aluna entra na sala. Meu olhar desvia para a porta e vejo um anjo com cabelos ruivos presos num coque malfeito. E a vontade que me arrebatava é a de ir até ela e soltar aqueles cabelos que devem ser longos e belos.

Seu olhar não se desvia do meu, e o meu, sustenta o dela. Seu rosto é cheio de pequenas sardas, que eu gostaria de contar só para senti-lo perto do meu. A boca é um convite para ser beijada. E aqueles olhos? Meu Deus, seus olhos são verdes como águas de um rio cristalino.

O corpo mostra que ela não é mais uma menina, e, sim, uma mulher, pela qual estou completamente enfeitiçado. Sei que deveria sentir vergonha do sentimento que acaba de se instalar em meu coração. Mas me apaixonei pela pequena feiticeira de olhos verdes.



Capítulo 3

MELISSA

Sabe aquela sensação que o mundo acabou de parar e que as únicas pessoas que podem se mexer somos eu e o meu novo professor gostosão?

Pois é o que eu estou sentindo no momento. Fico em estado de choque, não me imaginava com essa sensação de estar querendo me jogar naqueles braços, eu mesma não entendo. Para mim está tudo confuso e o ver vindo em minha direção não está me ajudando em nada.

Estou presa em seu olhar. Tudo está tão nublado em minha mente, quero me atirar em seu corpo firme e ao mesmo tempo fugir de tudo isso.

— Bom dia, a senhorita pode entrar — diz meu novo professor. *Minha nossa senhora dos corações apaixonados, esse homem é muito gostoso demais. Oh, meu Pai, que pensamentos impuros estou tendo por ele.* — A senhorita está bem?

— Sim, eu estou — consigo balbuciar. Vou até a minha carteira e vejo que Gabi me olha de um jeito estranho. — O que foi? — pergunto para ela e nós duas observamos o professor voltar para perto da lousa.

— O que foi, eu que o diga, dona Mel. Isso não foi estranho? — comenta e sinceramente não sei do que ela está falando, então, deixo para lá.

Acomodo-me em meu lugar e o vejo se movimentar pela sala como se aqui fosse... não sei como dizer... como se fosse sua propriedade, talvez seja isso mesmo.

E eu estou como? Posso dizer que estou babando por esse homem. Engraçado que eu não nunca tinha me interessado por homens mais velhos. Estou vidrada no homem que fala com autoridade, explicando sobre a forma como ele dá aula, e me perco em pensamentos impuros... gostaria de pôr as minhas mãos em seus cabelos pretos e bagunçá-los, ao mesmo tempo sentir o perfume chamado “cheiro de homem”. Estou perdida em meus pensamentos quando levo um chacoalhão da Gabi.

— Isso doeu, Gabi — exclamo baixinho, vendo que o professor gostoso está escrevendo algo na lousa.

— Mel, presta atenção e seca a baba que está escorrendo da sua boca — diz baixinho.

— Eu estou prestando — sussurro e ouço o professor gostoso chamando a minha atenção.

— As senhoritas não estão prestando atenção no que eu estou escrevendo na lousa — diz, num tom arrogante. Bom, sai de campo o professor gostoso e entra o professor grosso e mal-educado... lindo. Preciso me policiar, esse homem está me deixando louca.

Eu e minha amiga nos desculpamos antes de ele se virar. Mal presto atenção no que está ocorrendo, o que eu mais quero é correr daqui e ir para o meu quarto e ficar lá escondida para tentar pôr um pouco de ordem na minha cabeça. Poxa, eu não acredito que eu estava tendo sentimentos por aquele ogro filho da mãe.

— Senhorita. — O professor me chama e levo um susto, estava distraída por causa dele.

— Sim, me desculpa — respondo, sem olhar diretamente para ele. Olho timidamente em volta e vejo que todos estão me olhando estranho.

— A senhorita está prestando atenção na aula? — pergunta em um tom

arrogante.

— Sim, professor, eu estava prestando atenção — respondo e ele volta de novo para a lousa.

Pego a caneta e tento anotar tudo que está na lousa e gravar, na minha mente, tudo o que ele explica. Um tempo depois, bate o sinal do intervalo. Ajeito as minhas coisas e saio da sala antes que o professor venha em meu encalço me perguntado o que estava acontecendo. Se bem que ele não iria perguntar nada. Ele é novo aqui e com certeza não deve ter estranhado o meu comportamento. Só chamou a minha atenção por me ver distraída.

— Bom, Mel, o que houve? — Gabi pergunta, me fazendo tomar o maior susto. — Mel, você está bem?

— Nada, Gabi, só ando meio distraída. Estou bem, pode ficar tranquila —asseguro, tentando, sem sucesso, mostrar a ela que estou bem.

— Mel, vamos tomar um lanche — Gabi diz e me puxa em direção ao pátio. Mesmo não querendo, me deixo ser levada, assim poderemos conversar coisas diferentes e não tocarei em nada sobre o professor.

— Gabi, o que achou do professor? —pergunto de repente e tenho vontade me dar um chute por ter feito esse tipo de pergunta.

— Ah, meu, sei lá. Pra mim ele é como todos nossos professores, por quê? — indaga, curiosa.

— Não sei. Alguma coisa nele, bom... deve ser bobagem minha — concluo, já mudando de assunto. — Deixa eu te perguntar, vamos ao shopping?

— Claro. Quando?

— Hoje, estou com vontade de tomar aquele sorvete do McDonald's.

—Vamos depois do almoço — Gabi sugere e eu concordo.

— Estava querendo pegar um livro pra ler.

— Qual livro? — pergunta, enquanto morde um pedaço do seu lanche.

— Não sei. Acho que um de terror — brinco, fazendo a Gabi dar risada. Só que a risada dela morre e seus olhos estalam, como se estivesse vendo um fantasma. — Gabi, o que houve, você está bem?

— Oi, professor — ela diz e quando olho para trás, vejo que é o professor delícia.

— Olá, meninas, como estão? — O ogro lindo do meu professor nos cumprimenta.

— Bem, professor — a Gabi responde e depois me encara. E eu vou responder o quê? *Olha, professor, não estou me sentindo bem porque você está ao meu lado.* Acho que não seria uma boa ideia se falasse isso.

— E a senhorita Melissa, como está? — ele questiona dando um sorriso, daquele bem sexy, que chego a pensar que morri e fui para o céu. Não, acho que fui para o inferno só de pensar nele como um homem. — Melissa, você está bem?

— Ah, eu estou. Estava distraída — digo, sem graça.

— No que a senhorita estava pensando? — questiona e olha direto para a minha boca, como se quisesse devorar ela. Se bem que esse pensamento não é bom eu estar tendo não.

— Nada não, professor, coisa de escola — respondo rápido. — O que o senhor está achando da escola? — Decido que é melhor mudar de assunto.

— Aqui é uma boa escola. Mas me conta, esse é seu último ano aqui? — pergunta, com um olhar curioso.

— Sim, esse é meu último ano.

Graças a Deus.

— Pretende fazer algum cursinho ou vai direto pra faculdade? — Ele está fazendo de tudo para puxar papo.

— Ainda não sei, professor — respondo, com sinceridade.

— E você, senhorita Gabriela? — Ele desvia o olhar do meu ao perguntar para a Gabi.

— Também não sei, professor. — Percebo que ela demora a responder. Ficamos todos em silêncio e não sei mais o que dizer, quando, por fim, ele se manifesta.

— Bom, vou deixar vocês, meninas, e vou ali falar com as professoras — avisa e fica me olhando durante algum tempo. Depois segue em direção a umas das professoras que, na minha opinião, é linda.

— Mel, que cara é essa?

— Que cara? — Desconverso.

— Essa sua, parece que está querendo esganar alguém — brinca e dou risada.

— Impressão sua — afirmo. Logo o sinal bate e seguimos de volta para a sala de aula. A próxima aula será da matéria que eu mais gosto, biologia. O nosso professor, por sinal, também é um gato, pena que não me balançou do mesmo jeito que o Eduardo Santana mexe comigo.

A gente sempre dá muita risada pela forma que ele conduz as aulas, sempre explicando da forma mais clara possível e com algumas piadas para que possamos lembrar de alguma parte importante. Ele passou trabalho para nós fazermos e avisou que dentro de uma semana teremos prova.

Assim foram passando todas as aulas e agora sim eu prestava atenção em tudo, não tinha um professor gostoso para me distrair. O sinal da saída bate, pegamos as nossas coisas e seguimos para a minha casa. Assim que chegamos, avisamos às nossas mães que vamos ao shopping.

Tomamos um banho e nos arrumamos empolgadas para pegar uma sessão de cinema. O que mais quero é me distrair e tirar um certo professor ogro da minha cabeça.

Em frente ao cinema, olhamos todos os filmes em cartaz e entro na fila da bilheteria enquanto Gabi vai comprar as pipocas. Pago os ingressos e quando vou saindo, esbarro em alguém.

— Me desculpa, moço — peço, sem olhar.

— Não foi nada, Melissa.

Pronto, agora ferrou de vez. Bom, você já deve imaginar quem seja. Ele mesmo, o ogro sexy do meu professor.



Capítulo 4

EDUARDO

Desde o primeiro momento que vi aquela ruivinha com cara de anjinho, meu mundo acabou. Aquela menina mexeu comigo demais e vê-la daquele jeito, como se nada a abalasse, me fez ver que o que eu tinha vivido até hoje não se compara ao sentimento que estou começando a sentir por ela. Sei que é errado, já devia ter pensado nisso direto, como eu gostaria de não ter esse sentimento. Mas a minha vontade era de ir até a mesa dela, a puxar para mim e fazer com que ela sentisse a mesma coisa que eu estava sentindo.

Porém, acabei sendo grosso com Melissa, sendo que ela não estava prestando atenção em mim. Mas ver que estava com aquele lápis nos lábios, passando para lá e para cá, mordendo, me deixou louco. *Vai, Eduardo, confessa que queria puxar ela para beijar aquela boca que estava te tentando desde o momento que ela chegou.* Contudo, eu tive que me controlar e acabei sendo estúpido com ela. Mas o que mais me surpreendeu foi a força daquele olhar, que me enfeitiçou, o brilho de raiva ao ver que eu tinha chamado sua atenção fez com que eu ficasse com uma puta ereção enquanto eu estava tentando disfarçar.

Quando eu ia fazer mais um comentário, o sinal bateu e a vi pegar suas coisas e ir direto para o intervalo. Os demais alunos foram saindo e comecei a arrumar minhas coisas. Um pensamento não deixando a minha mente: será que sou pedófilo? Um perverso por estar gostando de uma menina que tem idade para ser minha filha? Só que eu nunca desejei nenhuma outra mulher como estou

desejando aquele anjo ruivo.

Saio da sala conversando com alguns alunos e claro que algumas meninas ficam me encarando como se fossem me comer. Mas eu não demonstro nenhuma reação, tudo por causa de Melissa. Minha Mel. Os alunos seguem para o pátio e vou em direção à sala dos professores. Muitos professores já estão aqui e percebo os olhares de algumas professoras assim que entro. Olhares não, elas só faltam pular no meu pescoço. Veja bem, eu sei que não sou feio, mas, poxa, as mulheres têm que se concentrar em se policiar e não se atirar no primeiro homem que passa por elas.

Vou até um armário, que verifico já estar com meu nome, e guardo as minhas coisas. Aproveito para sair e respirar um pouco. Sinto-me sufocado pelos olhares. Claro que tem outros professores no recinto, mas alguns estão ocupados com as próprias coisas e outros dando em cima das professoras. Elas devem estar achando que eu sou gay.

Mas não quero ser prejudicado mais do que vou ser porque meus pensamentos estão numa certa ruiva que me deixa doido de tesão. Vou caminhando pelo corredor e observo que as salas de aulas e a própria escola é muito bem decorada. A escola, em si, é decorada com trabalhos dos alunos, tem todo tipo de trabalho: em livros, artesanato, etc. Sinto meu celular tocar e quando olho no visor está marcando o nome da minha mãe. Ao atender, sempre penso em como ela deve estar sorrindo.

— Oi, mãe.

— *Oi, meu filho. Atrapalho?*

— Claro que não, mãe. Nesse momento estamos na hora do intervalo.

— *Já conheceu alguma moça, meu filho?*

Começou!

— Mãe, eu já conheci. — Solto, sem perceber.

— *Me conta, meu filho, gostou de alguma?* — Minha mãe é muito curiosa e me xingo em pensamento por ter falado algo. Não posso dizer para ela que eu

estou encantado por uma aluna. E as paredes têm ouvido, como diz o velho ditado.

— Mãe, eu não posso comentar isso agora.

— *Mas por que, Edu?*

— Mãe, eu não posso — respondo, frustrado. Eu gostaria de poder contar a ela.

— *Tudo bem, então. Me diz uma coisa: ela é linda?* — questiona, empolgada.

— Linda é pouco, mãe. Ela é um anjo — comento sem pestanejar e sem perceber de como falei em tom apaixonado.

— *Não acredito* — minha mãe grita e tiro o celular do ouvido.

— O que foi, mãe? — Coloco o celular novamente no ouvido e pergunto, preocupado.

— *Você está apaixonado* — afirma, me deixando surpreso. Será que eu estou mesmo apaixonado? Ela mexe comigo, mas apaixonado é forte demais.

— Mãe, claro que não. Eu só estou mexido por ela — respondo sem saber direito o que estou dizendo.

— *Edu, meu filho, você pensa que está engando quem, hein?*

— Mãe, a senhora está querendo que eu me case logo. É isso. É somente coisa da sua cabeça.

— *Filho, claro que sim. Outra coisa, eu tenho certeza que ela vai te fazer muito feliz.*

— Como assim, mãe? Eu sei que a senhora gosta dessas coisas sobrenaturais —comento, tirando uma com a cara dela.

— *Meu filho, eu gosto sim de ler tarô. Você sabe que eu gosto de jogar de*

vez em quando — responde.

Eu é que sei. Ela vive tirando para todo mundo as cartas e, por incrível que pareça, e olha que eu mesmo não acredito nessas coisas, dá sempre certo.

— Mãe, depois a gente se fala — digo ao ver meu anjo passar com a amiga dela. Como é mesmo nome? Acho que é Gabi. Não dou tempo nem de a minha mãe responder e desligo a chamada. Aproveito e observo como ela é linda dando risada do que a amiga dela está falando.

Várias vezes pego os moleques olhando para ela e isso me deixa doido de ciúme. Eu sei que não tenho esse direito, mas fazer o que se essa menina mexe comigo. Vou indo em direção à mesa delas e sei que não deveria ir até lá, mas eu tenho esse direito... quero dizer, mais ou menos eu tenho.

Chego até ela e reparo que a sua amiga, quando me vê, me olha espantada e isso significa uma coisa: estavam falando de mim e não me sinto nem um pouco surpreso com isso. Eu realmente gostaria de saber o que se passa pela cabeça dessa menina.

— Gabi, o que houve, você está bem? — Ouço meu anjo ficar preocupada com a amiga.

— Oi, professor — Gabriela fala olhando para mim, e vejo meu anjo retesar, como se eu a afetasse. Espero que sim. Mal sabe ela que também me afeta.

— Olá, meninas, como estão? — pergunto, logo me sentando do lado da Gabriela. Porque se eu ficar perto da Mel, acho que não vou conseguir me controlar. Tenho que tomar mais cuidado, não quero que ela fique falada na escola.

— Bem, professor — responde olhando para a minha Mel, sendo que ela mal olha para mim e isso está me deixando doido.

Desde o momento que eu conheci essa menina, a minha vida já virou de pernas para o ar. A minha vontade é de olhar para ela para sempre.

— E a senhorita Melissa, como está? — questiono, olhando para ela e

acabo dando um sorriso. Percebo que seu olhar ficou preso em minha boca.

— Ah, eu estou. Estava distraída — responde, desviando o olhar. *Será que pensava em mim?*

— No que a senhorita estava pensando? — pergunto, olhando para aquela boca e fico imaginando como seria beijar aqueles lábios, chupar a boca dela. Só de ter esses tipos de pensamentos eu fico duro na hora.

— Nada não, professor, coisa de escola — diz, mal olhando em meus olhos. Mas, por um instante, seu olhar encontra o meu e vejo que a sua alma é inocente, e nessa hora eu me sinto mal por estar gostando dela. — O que o senhor está achando da escola?

— Aqui é uma boa escola. Mas me fala, esse é seu último ano aqui? — questiono, ainda enfeitiçado pelo olhar dela.

— Sim, esse é meu último ano — responde como se quisesse fugir daqui e eu não a culpo por isso.

— Pretende fazer algum cursinho ou vai direto pra faculdade? — pergunto, na tentativa de querer saber mais dela. A minha vontade é de perguntar se ela tem namorado, mas isso eu não posso. Por mais que eu queira, não devo.

— Ainda não sei, professor — meu anjo responde, ainda olhando para mim. Observo que alguns alunos devem estar curiosos para saber por que um professor está na mesa com os alunos. É aí que surgem comentários maldosos.

— E você, senhorita Gabriela? — pergunto e vejo que ela titubeia para responder. Isso é típico de adolescente que ainda não sabe o que quer ser.

— Eu também não sei, professor — responde.

Ficamos todos em silêncio. O que eu mais gostaria era poder ficar aqui com ela e puxar mais assunto, mas já vi algumas professoras me olhando com curiosidade e decido ir embora e também visitar outras mesas dos outros alunos. Meio a contragosto, mas será necessário para que ninguém desconfie de nada.

— Bom, vou deixar vocês, meninas, e vou ali falar com as professoras —

aviso. Reparo que meu anjo olha nos meus olhos e sua expressão muda, demonstrando que ela não gostou nada. *A Melissa está sentindo algo por mim ou será que é impressão minha?* Levanto e viro as costas.

— Mel, que cara é essa? — Gabriela questiona, mas já estou me afastando e não tenho como ouvir sua resposta.

Vou para perto de uma professora que ainda não tinha conhecido. Começamos a conversar e ela até que é bem simpática. Sinto como se estivesse sendo observado. Olho em volta e vejo que meu anjo é quem está me olhando. Ela ainda está incomodada.

Continuo conversando com a professora Letícia, faço perguntas sobre a escola e ela vai me passando tudo. Fico feliz ao constatar que a escola é realmente muito boa. Vejo meu anjo indo embora com a amiga, e a minha vontade é de correr atrás dela, pegá-la pelos braços e mostrar não estou interessado em ninguém, a não ser ela.

Despeço-me da professora e sigo direto para as mesas de outros alunos, tentando me enturmar. No início, eles acham estranho, mas, no final, estamos todos rindo e batendo um papo legal. Logo o sinal bate e todos voltamos para a sala. Pelo restante da manhã não vi mais meu anjo. O que foi uma pena.

O sinal da saída soa, os alunos se despedem rapidamente, ansiosos para saírem da escola. Arrumo todas as minhas coisas e vou para o estacionamento, pego meu carro e sigo para casa, sempre pensando em Melissa que não sai da minha cabeça. Seu perfume parece que está em mim, como se estivesse impregnado em meu corpo.

Vou direto para meu quarto, tiro a minha roupa e coloco algo mais confortável. Fico pensando em tudo que aconteceu. Meu celular toca, olho no visor e vejo que é meu amigo Lucas.

— Ora, ora, quem é vivo sempre aparece — digo assim que atendo a ligação.

— *Ora, como vai, professor gostoso?* — zomba— zomba e reviro os olhos.

— Eu estou bem! Me conta, está com saudades de mim? — provoco, dando risada.

— *Com certeza, você é um idiota* — diz, me fazendo rir mais ainda.

— Eu sei que você me ama — brinco.

— *Aonde você ouviu esses absurdos, hein?*

— Eu sei que sim. Agora me fala, algum problema? — pergunto.

— *Na verdade, não. Eu gostaria mesmo é de sair com um amigo* — diz em um tom pedinte, sofrido, me fazendo rir à beça dele.

— Vamos ao shopping, o que acha?

Quem sabe assim eu tiro de vez aquele anjo pecador da cabeça.

— *Claro que sim, aí você aproveita e me conta como foi o seu primeiro dia de aula.*

— Beleza. O que acha de nos encontrarmos para almoçar por lá mesmo, assim não preciso esquentar nenhuma comida pra mim.

— Vamos sim. Até já — responde e desligo a chamada.

Vou direto para o meu computador e faço login no Facebook, verifico que tenho algumas mensagens de ex-alunos e de professores que ainda mantenho a amizade. Na parte de busca, coloco o nome da escola e aparecem uma página e um grupo. Entro na página e leio o que falam sobre a escola, é quando me chama atenção a foto de uma moça. Clico e sou direcionado para o perfil dela. Melissa está linda na foto. Passeio pelas postagens que estão em modo público e vejo que ela curte muitos livros e jogos. Envio uma solicitação de amizade. Meu celular toca mais uma vez e verifico que é dona Aline, minha mãe coruja.

— Oi, mãe. A que devo a honra da ligação?

— *Não vem com essa, Edu. Me conta logo quem é essa menina?* — questiona, sem rodeios.

— Que menina? — Faço-me de desentendido.

— *Não vem não, senhor Eduardo, que te conheço e sei muito bem que você já conheceu seu amor* — diz, sem paciência.

Ela não vai sossegar enquanto não souber de tudo. Conheço bem a minha mãe. Suspiro fundo e decido me abrir com ela.

— Mãe, realmente a conheci e não posso me envolver com ela.

— *Como assim, Eduardo? Essa menina não gostou de você?*

— Acho que sim, mãe. Só que... só que... ela é minha aluna — confesso e tudo fica no mais completo silêncio. Chego a pensar que a minha mãe desligou.

— *Nossa* — por fim, diz.

— Pois é, mãe, ela é minha aluna — digo mais uma vez, querendo saber da opinião dela.

— *Edu, quantos anos tem essa menina?* — questiona, depois de ficar mais um tempo em silêncio.

— Quase dezoito anos — respondo. Caramba, esse silêncio todo me deixa nervoso.

O que será que minha mãe está pensando de mim?

— *Filho, você está gostando dessa menina?*

— Não sei, mãe. Só sei que eu nunca senti nada por nenhuma outra mulher do jeito que estou sentindo por ela.

— *E ela, meu filho, o que sente por você?*

— Acho que a mesma coisa, só que eu não posso nem sonhar em me envolver com ela.

Mais silêncio.

— *Filho, dentro da escola, não. Mas fora de lá, sim.*

— Vamos ver, mãe, eu vou com calma. E se isso for só coisa da minha cabeça?

— *Que coisa da sua cabeça, meu filho? Ter se apaixonado por uma menina?* — questiona, aumentando um pouco o tom de voz, indignada.

— Mãe, a senhora sempre vai ser a eterna casamenteira — comento, dando risada.

— *Claro, meu filho, eu quero netos* — afirma.

Conversamos por mais alguns minutos e desligo, prometendo que a mantereii informada sobre tudo. Meu celular toca e dessa vez é uma mensagem do Lucas me avisando que já está a caminho do shopping.

Desligo tudo, verifico a ração da Bolinha, fecho a minha casa e vou para o shopping. Ao chegar, ligo para Lucas e pergunto aonde ele se encontra.

— Caramba, Edu, você demorou — reclama ao me ver e vem até em mim, me cumprimentando.

— Nossa, calma, eu não demorei muito não.

— Onde você estava?

— Numa ligação com a minha mãe.

— E como ela está? — pergunta. Os dois se dão muito bem.

— Graça a Deus, muito bem — respondo, enquanto vamos caminhando em direção à praça de alimentação.

Escolho comida chinesa. Lucas, ao contrário de mim, sai em busca de um lanche gorduroso. Eu realmente não sei como ele mantém uma boa saúde. Procuramos uma mesa e ficamos conversando sobre tudo, contei sobre a escola e, é claro, sem contar sobre meu anjo.

Terminamos de almoçar e Lucas sugere pegarmos uma sessão de cinema. Estou distraído olhando os cartazes quando uma moça esbarra em mim.

— Perdão, moço — ela se desculpa sem me olhar. Essa voz faz com que os pelos do meu corpo se arrepiem. Olho e vejo a cabeleira ruiva.

— Não foi nada, Melissa — respondo. Assim que ouve a minha voz, levanta a cabeça e fica em choque ao ver que sou eu.

Espero que ela não esteja acompanhada de nenhum garoto.

— Oi, professor. — Depois de sair do transe, ela me cumprimenta com a voz rouca, o que faz meu pau acordar na mesma hora.

— Professor não, Melissa. — Repreendo e percebo que ela não entendeu. E resolvo esclarecer por que não quero que ela me chame de professor. — Aqui não é a escola e você não é a minha aluna, somos duas pessoas normais, você não acha?

— Como então você quer que eu te chame? — pergunta, curiosa. E a minha vontade é de falar para ela me chamar de amor, de vida. Sei que é meio brega, mas com ela eu quero ser brega.

— Pode me chamar de Edu! E posso te chamar de Mel?

— Claro que sim — concorda, ainda sem jeito. Quando vou comentar que tinha mandado um convite para ela no Facebook, ouço alguém chamando e vejo que é a Gabriela.

— Oi, professor. — Cumprimenta, surpresa e meio sem graça talvez por encontrar o professor dela em um shopping.

— Olá, Gabriela, pode me chamar de Edu, aqui não é a escola — peço e ficamos em um silêncio incômodo. Penso em quebrar o clima estranho, mas Lucas me chama e, mesmo sem querer, acabo tendo que me despedir. — Meninas, tenho que ir. Até amanhã.

Na escola as salas de aulas são ambientadas, e só dou aula duas vezes por semana para a turma dela. Minha próxima aula com a Melissa será amanhã,

assim poderei ficar mais perto do meu anjo.

— Edu, você se perdeu? — Lucas questiona.

— Claro que não, estava te esperando. O que viu em cartaz? — Desconverso e fico ali observando que meu anjo e sua amiga estão indo para uma sessão de cinema.

— Edu, meu amigo, limpa a baba — provoca, tirando uma com a minha cara.

— Como assim? — pergunto, confuso.

— Você estava secando a menina que, por sinal, você estava muito bem à vontade com ela — comenta.

Então ele viu com quem eu estava conversando?

— Estava falando com a Melissa e a amiga dela — explico, meio a contragosto.

— Então, quem são elas?

— Minhas alunas — Limito-me a dizer e dou o assunto por encerrado.

Não quero ficar falando sobre a Melissa e ainda não é o momento certo. Ainda. Desistimos do cinema e vamos à loja de CD e DVD, escolho alguns títulos e decidimos que não há mais o que fazer a não ser cada um ir para a sua casa. Nos despedimos com a promessa de marcarmos uma saída à noite. Entro no carro e dou partida, minha vontade é voltar para dentro desse lugar e procurar minha Mel, mas é melhor ir embora para não cair em tentação. Sendo assim, dirijo tranquilamente pelas ruas enquanto penso em minha garota.



Capítulo 5

MELISSA

Caramba, eu não imaginava que ia encontrar o ogro do meu professor... claro que ele é lindo demais.

Agora, ver ele perto de mim, assim, desse jeito... sentindo seu perfume que está me deixando excitada, está sendo demais para mim. A minha vontade cresce mais ainda ao ver que ele usa a camisa meio aberta, consigo ver o começo de seu peito e me deixa com a boca salivando de vontade de percorrer a minha língua nele todo. Sinto um calor subindo dentro de mim. Eu nunca fiquei desse jeito por ninguém.

— Oi, professor. — Cumprimento e fico olhando para ele, desejando que tudo à nossa volta sumisse e ficássemos somente nós dois.

— Professor não, Melissa — pede, e acho estranho.

Ele quer que o chame como? Eduardo, o gostosão?

— Aqui não é a escola e você não é a minha aluna, somos duas pessoas normais, você não acha? — comenta. E a minha vontade era responder: Claro que somos normais, então podemos ficar juntos, gostosão? Mas é melhor não.

— Como então você quer que eu te chame?

— Pode me chamar de Edu! — *Na minha opinião, gostosão é a melhor definição.* — Posso te chamar de Mel? — pergunta. Gosto de ouvir ele me chamar de Melissa, mas ouvi-lo me chamar de Mel elevou o meu estado de excitação.

— Claro, que sim — concordo, querendo prolongar mais ainda a nossa conversa.

Queria ter a coragem de perguntar coisas para ele que não teria coragem se estivéssemos na escola. Será que ele está acompanhado? Será que é alguma professora? Não sei se quero saber sobre isso.

Estou distraída em meus pensamentos quando escuto a Gabi cumprimentando o Edu e isso faz quebrar o nosso contanto, quero dizer, a minha distração.

— Olá, Gabriela, pode me chamar de Edu, aqui não é a escola — meu gostosão fala, olhando para a Gabi.

Escuto outra voz chamando o Edu e vejo que é um homem muito bonito, mas não igual ao meu gostosão. Ele vira a cabeça na direção da voz e depois me olha novamente.

— Meninas, tenho que ir. Até amanhã.

Despede-se e vai embora. Fico paralisada olhando enquanto ele chega até o amigo dele e ficam conversando.

— Mel, acorda. — Gabriela chama, me tirando dos meus devaneios.

— Mas eu estou acordada — afirmo.

— Não parecia — diz, dando de ombros.

— Gabi, claro que estou acordada — respondo, revirando os olhos.

— Mel, você estava parecia presa olhando pra ele.

— Do que você está falando, Gabi? — Desconverso, puxando o braço dela

para entrarmos logo na sessão de cinema que, com certeza, já tinha começado.

— Mel, posso te fazer uma pergunta?

— Claro, Gabi!

— Você está gostando do professor Eduardo? — pergunta, curiosa e resolvo responder com sinceridade.

— Não sei, Gabi, ele mexe comigo. Por quê?

— Não sei, era como se estivessem em uma bolha onde existesse só vocês dois — comenta.

— Gabi, sinceramente eu ainda não sei o que sinto por ele — confesso.

— Mel, o que você acha dele?

— Realmente ainda não sei. Só sei que quando ele chega perto de mim daquele jeito, tenho uma louca vontade de me jogar naqueles braços dele — respondo baixinho enquanto procuramos os nossos assentos. Vou continuar a falar, mas a música me interrompe, anunciando que o filme está prestes a começar.

Depois de quase duas horas de filme, saímos da sala do cinema e vamos à praça de alimentação comprar lanche. Estamos morrendo de fome. Munidas de nossa comida nada saudável, procuramos uma mesa para sentarmos. Enquanto devoro as minhas batatas fritas, minha mente pensa em tantas coisas ao mesmo tempo que parece que vou entrar em parafuso.

— Gabi, você acha que o Edu gostaria de mim... assim... como mulher? — pergunto, e vejo seu olhar surpreso.

— Acho que sim, Mel. Mas o que eu percebi é que ele já se encontra interessado em você — confessa baixinho, como se mais alguém nessa praça de alimentação barulhenta pudesse nos ouvir.

— Será, Gabi? E mesmo que estivesse a gente nem pode ficar junto por causa da escola — comento.

— Mel, aqui fora vocês são pessoas normais, lá dentro vão se comportar como aluna e professor.

— É verdade, você tem razão, mas eu nem sei como que vai ser... aliás, acho que é tudo fruto da minha imaginação.

Terminamos de comer e perambulamos o resto do dia entre as lojas do shopping. Chegamos à casa e sigo para ver a minha mãe que já estamos em casa, mas vejo que ela está dormindo e decido não acordá-la. A Gabi avisou à sua mãe que vai ficar por aqui essa noite.

Lembro vagamente que meu pai chegava em casa todas as noites e ia me dar um beijo de boa noite só que ele acabou falecendo quando eu era pequena e quem sempre cuidou de mim, desde então, foi minha mãe.

Seguimos para o meu quarto, me troco primeiro e me jogo na cama, pegando o notebook e já logando no meu Facebook. Ao abrir o meu perfil, vejo que tenho uma nova solicitação de amizade. Solto um grito e a Gabi vem correndo, preocupada.

— O que houve, Mel, está passando mal? — pergunta, com a mão no peito.

— Gabi, olha aqui no computador — ordeno. Eu mesma não estou acreditando.

— Mel, você fez esse escândalo todo por causa do computador? — comenta, como se isso não fosse nada.

— Aqui, amiga, no meu perfil, olha quem solicitou amizade — aponto para a tela. Ela vem até meu computador e ao ver a causa do meu grito, diz:

— Mel, ele está realmente interessado em você. O que você vai fazer?

— Não sei, mas acho que vou aceitar — comento.

— É melhor. Aí você aproveita pra ver as fotos dele — diz, tirando uma com a minha cara.

— Só você mesma, Gabi. Confessa, amiga, você não sentiu nada por ele? —questiono, curiosa.

— Eca, claro que não, Mel! Achei bonito e tals, mas ele não faz o meu tipo.

— Como assim, não faz seu tipo? Gabi, minha filha, ele é gostosão! — exclamo, surpresa por ela não achar.

— Mel, ele é mais velho.

— Sim, e daí?

— Daí que não gosto de homens mais velhos. Gosto da minha idade ou até mesmo só um tiquinho mais velho, mas não daquele jeito.

— Gabi, eu gosto dele assim. Você acredita? Se eu pudesse, ficaria com ele.

— Mas claro que vocês podem, mas ninguém pode ficar sabendo.

— Isso é verdade.

Aceito o convite e fico olhando a página do seu perfil. Descubro que é solteiro e que temos algumas coisas em comum. Vejo a idade dele, e ele não é tão velho assim, trinta e seis anos. Olho suas fotos, o que me deixa com água na boca só de comprovar como ele é realmente delicioso.

— Menina, vai ficar só olhando pra essas fotos? — provoca.

— Esse homem é o senhor pecado.

— Tô vendo que ele tem um corpo muito bom — diz, como se o corpo dele fosse normal.

— E que corpo ele tem! — comento, fascinada.

Melhor eu parar de olhar.

Saio do perfil dele, curto coisas dos meus amigos e compartilho alguns

posts. Gabi também se joga na minha cama e liga o seu notebook. Aproveitamos para ficar jogando enquanto ouvimos música pelo aplicativo. Nossos gostos vão do pagode, samba até funk etc.

Depois de um tempo, vejo a minha amiga dormindo com o notebook ao lado. Desligo o aparelho dela e a cubro. Mas, antes de desligar o meu, ainda entro uma última vez no Facebook e, para minha surpresa, vejo Edu online. Crio coragem e envio uma mensagem:

Boa noite, Edu. Durma com anjinhos

Logo em seguida, recebo sua resposta, o que me deixa chocada e nas nuvens.

Boa noite, Mel. Não se preocupe, eu já ando sonhando com você, meu anjo. Espero que tenha aproveitado bem o cinema.

Leio várias vezes e fico pensando no que responder.

Sim, foi legal. E seu passeio, como foi? Mas me diz uma coisa, você sonhando comigo, Edu?

Envio e fico como uma menina esperando que o namorado responda.

Foi bom, eu não via o Lucas há tempos. Mas, respondendo a sua pergunta, sim, eu sonho com você. Sabe, Mel, não quero mentir. Estou gostando de você e gostaria de saber se aceita sair comigo

Fico paralisada ao ler isso. Não acredito que ele está interessado em mim. E agora? Bom, eu também estou super, hiper, megainteressada nele. Mas como vou dizer isso?

Desculpe, Mel, espero não ter te ofendido ou te chocado. Claro que você deve ter namorado

Respondo rápido para ele:

Edu, claro que não, fica tranquilo. Eu só fiquei... surpresa com o seu pedido. Afinal, eu sou apenas uma menina saindo da adolescência...

Mel, você não é mais uma menina. É uma mulher, gostei de você desde que você entrou pela porta da sala de aula. Quero te conhecer e vamos ver no que vai dar, só que ainda não quero que fiquem sabendo da gente

Tudo bem. Eu aceito sair com você

Eu também não gostaria que ficassem sabendo de nós.

Edu, a Gabi já sabe que estou interessada em você. Tem algum problema eu falar pra ela sobre a gente?

Envio a mensagem e fico agoniada aguardando sua resposta. E se ele ficar bravo?

Claro que não. Não tem problema, sei que ela não vai comentar nada. Eu também estou interessado em você, meu anjo. Posso te chamar assim?

Fico feliz em saber que eu posso contar para a minha amiga tudo que está acontecendo.

Pode me chamar assim e eu posso te chamar de gostosão?

Você pode me chamar de tudo que quiser, mas gostei do gostosão

Solto uma risada ao ler sua mensagem. Olho para a Gabi que dorme tranquilamente.

Pra mim, você é gostosão

Pra mim, você é meu anjo, Mel

E só essa frase já aquece meu coração. Sorrio boba enquanto leio novamente. Olho para relógio do meu computador e reparo que já é tarde.

Edu, tenho que sair do Face, já está tarde

Vai sim, anjo. Amanhã você acorda cedo. Você quer carona?

Olho para a mensagem e a minha vontade é de responder que sim, mas é melhor não.

Edu, melhor não, vai que alguém me vê saindo do seu carro

É verdade, mas vamos ver como a gente vai fazer, ok?

Ok. Bjs, gostosão, até amanhã

Boa noite, meu anjo, sonhe comigo

Pode deixar, gostosão

Saio do Facebook e desligo o meu computador, pego meu celular e coloco alarme. Deito ao lado da minha amiga e tento relaxar para dormir, mas meus pensamentos estão descontrolados, pensando no meu ogro professor, que agora não é mais ogro e, sim, gostosão.



Capítulo 6

EDUARDO

Chego a casa depois do meu encontro com o Lucas e vou direto para a cozinha pegar o vidro de doce de leite. Sou simplesmente apaixonado por esse doce e nunca o deixo faltar na geladeira. Sigo para a sala, ligo a TV e fuço os canais até achar alguma coisa interessante para assistir, paro em um canal que está passando o filme V de vingança.

Depois de terminar o filme, desligo a TV e vou direto para o meu quarto. Arrumo minhas coisas, troco de roupa, envio algumas mensagens para a minha família e acabo entrando no Facebook. Vejo que a Mel aceitou minha solicitação de amizade. Clico em seu perfil e olho alguns posts. Dá para perceber que temos algumas coisas em comum. Vejo algumas fotos dela sorrindo; outras com a Gabi e acabo rindo de uma delas fazendo caretas; algumas fotos com a turma da escola e alguns meninos a abraçando como se fossem namorados, bom, dessas eu não gostei nem um pouco.

Uma janela de mensagem pisca na tela do computador.

Boa noite, Edu. Durma com anjinhos

Meu coração dá um salto ao ver que é uma mensagem dela. Mal sabe ela que o anjinho com o qual eu sonho tem cabelos ruivos. Crio coragem e decido arriscar.

***Boa noite, Mel. Não se preocupe, já ando sonhando com você, meu anjo.
Espero que tenha aproveitado bem o cinema***

Envio e fico aguardando a sua resposta. Demora um pouco até que ela responde:

Sim, foi legal. E seu passeio, como foi? Mas me diz uma coisa, você sonhando comigo, Edu?

Fico feliz ao ver que ela tenha se divertido com a Gabriela. Minha vontade é de perguntar se elas estavam sozinhas. Mas a minha mente parece que não raciocina direito quando se trata dessa menina e tenho a ideia de convidá-la para sair comigo, sei que não devo, mas é mais forte que eu.

É agora ou nunca.

Foi bom, eu não via o Lucas há tempos. Mas, respondendo a sua pergunta, sim, eu sonho com você. Sabe, Mel, não quero mentir. Estou gostando de você e gostaria de saber se aceita sair comigo

Nada. Nenhuma resposta. Das duas uma: ou ela ficou surpresa com meu convite ou ficou ofendida por seu professor estar dando em cima dela. *Você já pensou na hipótese de ela ter um namorado?*

Desculpe, Mel, espero não ter te ofendido ou te chocado. Claro que você deve ter namorado

Envio a mensagem e sua resposta vem logo em seguida, para meu total alívio.

Edu, claro que não, fica tranquilo. Eu só fiquei... surpresa com o seu pedido. Afinal, eu sou apenas uma menina saindo da adolescência...

Ela pode até se imaginar uma menina, mas, para mim, ela é a mulher mais linda e gostosa que já conheci.

Mel, você não é mais uma menina. É uma mulher, gostei de você desde que você entrou pela porta da sala de aula. Quero te conhecer e vamos ver no que vai dar, só que ainda não quero que fiquem sabendo da gente

Clico em enviar e meu coração parece ao de um adolescente bobo que está esperando no corredor a menina mais bonita da escola passar, só para ficar babando.

Tudo bem. Eu aceito sair com você

Suspiro fundo, relaxando as costas. Graças a Deus.

Edu, a Gabi já sabe que estou interessada em você. Tem algum problema eu falar pra ela sobre a gente?

Eu não fiquei surpreso ao saber que a Gabriela já tinha reparado que eu estava gostando do meu anjo e o pouco que eu a conheço, sei que ela não vai comentar nada.

Claro que não. Não tem problema, sei que ela não vai comentar nada. Eu também estou interessado em você, meu anjo. Posso te chamar assim?

Eu queria mesmo era falar para ela o quanto quero beijar sua boca, sentir o seu corpo colado ao meu, seu perfume invadindo minhas narinas... mas tenho que ir com calma.

Pode me chamar assim e eu posso te chamar de gostosão?

Rio do seu jeito menina de ser e claro que concordo. Ela poderia me chamar até de cachorrinho, que eu iria amar do mesmo jeito.

Você pode me chamar de tudo que quiser, mas gostei do gostosão

Pra mim, você é gostosão

Pra mim, você é meu anjo, Mel

E é a pura verdade. Não sei como ela me enfeitiçou desse jeito, só sei que a quero para mim, para que traga paz à minha vida, como um anjo de luz.

Edu, tenho que sair do Face, já está tarde

Olho no relógio e constato que realmente já é tarde e ela tem que acordar

cedo.

Vai sim, anjo. Amanhã você acorda cedo. Você quer carona?

Responde que sim!! Responde que sim!!

Edu, melhor não, vai que alguém me vê saindo do seu carro

Não gosto muito de saber que ela está andando sozinha por aí, mas, realmente ela tem razão, é melhor assim. Vai que alguém a vê saindo do carro comigo, pronto, a fofoca está feita.

É verdade, mas vamos ver como a gente vai fazer, ok?

Ok. Bjs, gostosão, até amanhã

Ah, meu anjo, como eu gostaria que você estivesse aqui comigo, minha pequena. Não vejo a hora de amanhecer e ficar perto da minha ruivinha.

Boa noite, meu anjo, sonhe comigo

Pode deixar, gostosão



Capítulo 7

MELISSA

Ao me levantar rápido da cama, acabo caindo no chão e fazendo um barulhão, acordando a Gabi.

— Se machucou, Mel? — pergunta, ainda meio dormindo.

— Não, Gabi, eu que acordei como se o mundo fosse parar — respondo, indo em direção ao banheiro.

Fico pensando em como de ontem para hoje a minha vida já mudou. Meu relacionamento com Edu mal começou e já virou a minha vida de pernas para o ar. Fico naquela expectativa querendo encontrar com ele logo e ver como vamos reagir na presença um do outro.

Tomo banho e minha mente divaga. *Será que ele beija bem?* Balanço a cabeça, rindo. *É claro que ele deve beijar bem.* Nem sei como que vai ser, só aceitei um encontro com ele, mas ainda não definimos nada. Saio do banho e volto para o meu quarto, encontro a Gabi sentada na cama com a maior cara de sono. Vou até o guarda-roupa e coloco o meu uniforme de sempre.

— Gabi, você não sabe o que aconteceu ontem — comento enquanto visto a camiseta do uniforme. E isso é o suficiente para fazê-la despertar.

— Me conta, Mel. Estou suuuuupercuriosa — diz e ajoelha na cama.

— Adivinha com quem eu falei ontem à noite? — falo, fazendo cara de suspense e segurando o riso. Ela se mostra pensativa, até que me observa bem e abre a boca em um “oh” bem grande.

— Por acaso não seria em quem eu estou pensando agora, seria?

— E essa pessoa seria...

— Nosso professor Eduardo? — questiona, e eu só confirmo com a cabeça.

Ela dá um grito. Faço menção de dar uns tapas nela, porque não quero que minha mãe escute.

— Gabi, cuidado. Minha mãe pode ouvir — peço, entredentes.

— Me desculpa — diz e coloca as mãos na boca. — Mas eu estou surpresa mesmo. Me conta, o que vocês falaram?

— Bom, eu mandei uma mensagem pra ele primeiro e...

Conto tudo o que aconteceu e ela me escuta fazendo caras e bocas.

— Nossa, Mel, caramba... e... tudo bem eu ficar sabendo? — pergunta.

— Claro que sim, Gabi, você é mais que uma amiga, é uma irmã — afirmo com sinceridade e fico emocionada. Vejo em seu olhar que ela também fica, afinal, crescemos juntas e nossas mães são amigas também desde crianças. Sempre moramos próximas, o que nos rendia muitas noites juntas.

— Mel, eu também te considero assim — diz e me abraça.

— Gabi, ainda estou confusa... como vai ser? — pergunto para ela depois que a gente se separa.

— Como vai ser o que, Mel?

— O nosso relacionamento... eu não vou saber como agir — digo,

enquanto a vejo seguir para o banheiro.

— Mel, deixa rolar, aí você vai ver o que acontece — fala e escuto a descarga.

— É, você tem razão. — Levanto para terminar de me arrumar, me olho no espelho e vejo que estou radiante.

— Ok. Hoje você vai matar o professor. Você está linda, Mel — Gabi comenta ao sair do banheiro.

— Espero que sim, Gabi!

Pegamos nossas coisas e descemos para a cozinha, minha mãe já saiu para o plantão, ela é enfermeira em um Pronto Socorro não muito longe de onde moramos. A mesa está arrumada e com o café posto.

— Sua mãe faz coisas muito boas pra gente comer — comenta assim que terminamos de tomar o café. Ela me ajuda a arrumar a cozinha e deixamos tudo limpo.

Como ainda está cedo decidimos ir a pé, vamos o caminho todo conversando sobre diversos assuntos. As provas que logo vão chegar, os trabalhos que ainda temos que fazer, a professora chata de matemática que deu um trabalho difícil demais e, claro, sobre o Edu.

— Gabi, como vai ser hoje? — pergunto assim que chegamos na porta da escola, sentindo como se estivesse borboletas voando dentro do meu estômago. Minhas mãos estão suadas e minha boca seca, meu coração parece querer pular para fora de mim.

— Não sei, Mel. Vamos ver no que vai dar, né? — diz, apertando minha mão em solidariedade.

Entramos cumprimentando todos que estão em nosso caminho até que chegamos à sala. A professora de matemática, Giovanna, que se acha a tal gostosona, já está pronta para começar a aula. Ela é a maior piranha. Dá em cima de todo mundo, sem pudor algum. As aulas dela são um saco. Todos os alunos procuram seus lugares assim que soa o sinal, e então começa a tortura. A

professora abre a boca e começa a falar com aquela voz de Paty, sabe aquela vozinha que é irritante?

Aí você deve estar pensando: Nossa, Mel, por que você pensa desse jeito da professora? E eu respondo: Sei lá, essa mulher desde que entrou nessa escola, me viu como uma boa oportunidade de atormentar, sou seu alvo. Ela vive pegando no meu pé. A Gabi diz que é inveja. Inveja do quê? Essa mulher é um cão. Eu, hein.

— Dona Melissa, a senhorita deveria prestar mais atenção na lousa — a bruxa chama a minha atenção.

Está vendo, né? Estou quieta e ela já vem brigando, imagina se estivesse aprontando?

Decido que é melhor eu emudecer de vez e copiar logo tudo que essa bruxa está passando na lousa. Dou graças a Deus quando o sinal soa e a vejo recolher suas coisas. Logo vem mais duas aulas até que bate o sinal do intervalo.

— Mel, eu quero dar um pulo até a biblioteca, vamos?

— Agora? — pergunto, e ela concorda com a cabeça. — Tudo bem, vamos lá.

Seguimos para a biblioteca e cada uma vai atrás dos gêneros que mais gosta. Entro no corredor de romances e pego um da Nora Roberts, umas das autoras que eu mais gosto. Decido olhar o outro corredor, mas, no caminho, sou agarrada por braços fortes, tapam a minha boca e me desespero. Sou carregada para outra sala, a porta é trancada e a pessoa me solta. Viro pronta para gritar quando dou de cara com Edu.

— Caramba, Edu, que susto me deu — falo, com a mão no peito tentando acalmar meu coração.

— Meu anjo, me desculpa. Eu tinha que aproveitar essa brecha — diz, fazendo carinho no meu rosto, o que me faz ansiar por sentir mais as mãos dele em mim, em todo o meu corpo.

— Tudo bem, só me assustei porque não sabia o que estava acontecendo.

Algum problema?

— Não, meu anjo. Eu só queria mesmo te ver, nem que fosse por poucos minutos — admite e meu coração quase para só de ouvir essa declaração dele.

— Eu também queria muito te ver — confesso.

— Meu anjo, vai ser rápido. Me empresta o seu celular — pede, e entrego. Ele mexe e logo escuto algo vibrar em seu bolso. Edu abre um sorriso e me devolve o celular.

— Eu não sabia como te pedir isso — falo, meio sem graça.

— Eu também não sabia, mas, de qualquer forma, eu queria te ver. Ainda está tudo bem pra você a gente se encontrar?

— Claro que sim, Edu — respondo feliz e faço um carinho no rosto dele com as minhas mãos, fazendo-o gemer baixinho de prazer.

— Ah, meu anjo, como estou gostando de sentir seus toques em mim — declara.

— Eu também gostei de sentir seu toque em mim, Edu — mal termino de falar e sou prensada contra a parede por seu corpo duro e forte.

— Meu anjo, sei que está sendo muito rápido isso, mas se eu não te beijar agora, acho que eu vou enlouquecer — sussurra ofegante, me fazendo sentir mais do que antes a vontade sentir os seus lábios nos meus. Sem me dar a chance de protestar ou de falar algo ele me beija. Sou pega de surpresa que chego até gemer de paixão.

Mas depois o beijo vai aumentando, nossas respirações vão ficando mais pesadas, nossos toques aumentando. Não consigo conter meu gemido. Ele se aventura e junta mais os nossos corpos. Edu muda de posição e sinto seu pau friccionar o meio das minhas pernas, em um vaivém que me deixa à beira de um orgasmo, gemendo como uma cadela no cio. De repente, ele se afasta de mim e quase choro pela falta de contato.

— Meu anjo, o sinal está batendo, é melhor você ir para a sala e depois a

gente se fala — diz a contragosto, me soltando e reparo que a camisa dele está aberta. Nem sei em que momento isso aconteceu.

— Edu, me desculpa, eu nem vi como abri sua camisa — digo, envergonhada. Mas, em reposta, ganho mais um beijo de enlouquecer.

— Mel, eu adorei isso, mas é melhor você ir. Estamos há um tempo aqui trancandos e não quero que você seja pega — fala, me abraçando. — Mais tarde eu te ligo.

— Tudo bem, vou indo — concordo, mesmo não querendo ir. Dou mais um beijo nele e abro a porta. Antes de sair, olho para ver se não tem ninguém e ando rápido até o banheiro pra me arrumar um pouco.

Quando chego à sala, dou graças a Deus que ainda não tem nenhum professor. Sento na cadeira olhando para a Gabi, tentando conter meu sorriso idiota.

— Onde você estava? — pergunta.

— Eu não posso te falar agora — respondo, fazendo um olhar para que ela entenda com que eu estava.

— Eu quero saber de tudo — ordena.

— Pode deixar, eu te conto. Mas não aqui, é perigoso.

— Não tem problema, pode ser depois — diz e nos ajeitamos em nossos lugares.

Edu entra na sala e ficamos nos olhando, mas logo ele desvia o olhar e começa a dar aula. Gabi me olha com curiosidade. Dou uma piscadela para ela, que ri da situação. Estou ansiosa para contar o que ocorreu com o Edu. Só de lembrar sinto um tremor bom. Seu beijo é maravilhoso, e olha que eu não sou BV[1]. Eu tento não ficar babando no meu professor e começo a fazer as anotações que ele está passando na lousa, e às vezes me pego pensando no que rolou entre a gente.

Você deve estar pensando: Mel safadinha, hein. Mas não sou não. Ainda

nem perdi a minha virgindade. Se bem que na hora que o Edu estava me beijando, eu teria me entregado a ele naquele mesmo momento.

O sinal soa alto pelos corredores da escola fazendo todos arrumarem o material às pressas. O sinal tem som de liberdade. Sinto que estou sendo observada. Olho e dou de cara com o Edu que pisca o olho e abre um sorriso. Mas logo estou sendo puxada pela Gabi para irmos embora. Vamos direto para a minha casa. Minha mãe só chega à noite por causa do plantão, aproveitamos que estamos sozinhas e subimos direto para o meu quarto. Arremessamos as nossas mochilas no canto do quarto, arrancamos os tênis e nos jogamos na cama.

— Gabi, senta aqui que eu vou te contar — digo e ela senta em dois tempos.

— Pode começar. A gente entrou na biblioteca e depois não te vi mais. Aonde vocês estavam?

— Bom, vou te contar. Logo que entramos na biblioteca, fui à sessão dos livros de romance, sabe...

Começo a contar e ela acompanha tudo atentamente. Explico tudo o que senti quando vi que era ele que tinha me agarrado. Fecho os olhos ao lembrar do seu toque em meu rosto, do meu corpo sendo prensado contra a parede... da sua boca roçando na minha. Gabriela escuta todos os detalhes com a boca aberta e os olhos arregalados.

— Vocês dois foram bem safadinhos, hein — conclui, brincando, ao ouvir meu relato.

— Gabi, você sabe que já beijei outros meninos, mas do jeito que fui beijada pelo Edu, era como se ele... se ele estivesse me reverenciando como mulher dele, não sei mesmo explicar o que aconteceu. Parecia aqueles beijos que tanto leio nos livros de romance, sabe, com pegada — digo e solto um longo suspiro.

— Mel, vocês correram um risco grande de serem pegos — adverte, preocupada.

— Eu sei disso, mas eu faria tudo de novo só pra ser beijada e abraçada

daquela forma — confesso, num tom apaixonado.

— Ah, mas isso vocês vão fazer muitas vezes ainda.

— Se Deus quiser. — Levanto minhas mãos em uma prece.

— Mel, vamos fazer as lições porque amanhã a gente vai ter de novo a matéria com aquela bruaca da Giovanna — diz, com cara de nojo. Até me arrepia só de pensar naquela mulher.

Depois do almoço, pegamos firmes na lição de casa e adiantamos mais algumas lições e trabalhos que temos que entregar. Após tantos cálculos, a fome bate forte e aproveitamos para fazer um lanche. Meu celular apita assim que entramos na cozinha. Leio a mensagem com o coração pulando forte dentro do peito.

— Gabi, Edu está me mandando mensagem — aviso e ela vem correndo para o meu lado.

— Sério? Que bom ele cumpriu mesmo com o que falou — diz e aproveito para ler a mensagem para ela.

Oi, meu anjo, espero que ninguém tenha visto você saindo daquela salinha. Eu tentei me controlar, mas a vontade de te ver foi mais forte do que a prudência que eu teria que ter. Espero que consigamos ficar juntos sem ninguém descobrir enquanto não terminarem suas aulas. Preciso te confessar uma coisa, eu nunca senti com nenhuma outra mulher o que estou sentindo por você, meu anjo.

— Nossa, Mel, que lindo isso. Responde logo.

— Lindo mesmo. Mas o que eu devo escrever? — pergunto, agoniada.

— Escreve o que você está sentindo nesse momento ou o que sentiu naquela hora com ele — aconselha.

Penso por alguns instantes, relembrando tudo que vivemos naquela sala. Respiro fundo e começo a digitar.

Gostosão, graças a Deus deu tudo certo. O professor ainda não se encontrava na sala. Adorei cada momento que passamos juntos naquela salinha e, mesmo sendo por pouco minutos, foram especiais demais para mim. Você deve ter percebido que sei beijar rsrs, mas tenha certeza, os meninos que beijei não se comparam a você. E nunca senti nada parecido ao que senti naquele momento. Também espero que ninguém nos descubra até o fim das aulas.

Mando para ele e fico com o coração dando saltos de alegria.

— Gabi, será que ele viu a minha mensagem?

— Calma, meu, às vezes ele teve que atender a campainha, sei lá.

Meu celular apita.

Meu anjo, posso te ligar ou mandar mensagens mais tarde? Minha mãe está aqui e tenho que dar atenção a ela

Fico olhando a mensagem e meu coração aperta. Será que é verdade ou é alguma outra garota que está atrás dele?

— Mel, para com isso — Gabi alerta. Olho para ela sem entender nada.

— Parar com o quê? — pergunto, confusa.

— Mel, é a mãe dele, não fica pensando besteira.

— Será, Gabi? — questiono, a dúvida me corroendo por dentro.

— Sim, fica tranquila. Algo me diz que ele realmente gosta de você. Eu tenho que ir embora e nada de pensar besteira, viu, dona Melissa — diz, brava, com o dedo em riste.

— Ok, pode deixar. Depois a gente se fala no Whats?

— Claro que sim. E depois você me conta o que aconteceu com professor.

— Pode deixar que te conto.

Vejo a Gabi subir as escadas de dois em dois degraus e logo volta com a

mochila nas costas. Ela se despede e vai em direção à porta, batendo a porta atrás de si logo em seguida. Pego o celular e digito mais uma mensagem.

Pode, gostosão, fico aguardando a sua mensagem ou ligação. Bjsss...

Pronto. Clico em enviar e subo para arrumar meu quarto. Preciso de uma música animada, para acompanhar meu estado de espírito, então escolho Elvis Presley. Que foi? Acha estranho? Pois é, meu gosto é bem eclético. Subo o som e começo a ajeitar as minhas coisas.



Capítulo 8

EDUARDO

Ao sentir o vento batendo em meu rosto enquanto corro pelo parque antes mesmo de amanhecer, penso em Melissa, ela ainda deve estar dormindo. A brisa está fresca, o tempo, nublado. Corro por mais alguns minutos e decido voltar para casa. Entro no banho e deixo que a água leve o suor e toda a tensão da corrida, me sentindo renovado. Enrolo a toalha na cintura e volto para o quarto. Olho no celular e não tem nenhuma mensagem dela.

Termino de me arrumar e vou direto para a cozinha preparar um café da manhã. Você pode achar até besteira, mas eu já visualizo a Melissa aqui comigo, me ajudando nas coisas de casa, eu preparando um café da manhã enquanto a vejo aparecer com o cabelo bagunçado e uma cara de safada pós-sexo. Depois de uns anos, teríamos um filho e ele correria pela casa bagunçando tudo e seríamos muito felizes.

Sei que tudo isso parece loucura, mas não consigo ficar sem ela, essa menina me deixou de quatro. Termino de tomar café e dou uma arrumada na louça, pego as minhas coisas e sigo para o trabalho. Estaciono o carro na vaga de professores e a primeira coisa que tenho vontade de fazer é procurá-la, mas tenho que me segurar, não quero que ela se assuste.

Vou direto para a sala dos professores, pego o que vai ser necessário para dar as aulas de hoje e guardo o restante no armário. Estou tão distraído que não

percebo nada à minha volta até que sinto um perfume enjoativo.

— Olá, tudo bem? Pazer, me chamo Giovanna de Albuquerque — diz a mulher do perfume enjoado e com um sorriso insinuante.

— Oi, bom dia! Prazer, Eduardo Santana — respondo, bem sério. Não quero problemas para o meu lado.

— Eu sei quem você é, Edu. Posso te chamar assim, não posso? — a professora fala, sedutora.

— Humm... acho melhor não. Pode me chamar de Eduardo ou professor Santana — sugiro, deixando claro que não quero nada com ela.

— Por que, Eduardo? Afinal, vamos ser amigos, não vamos? — questiona e chega mais perto.

— Claro que sim. — Dou um passo para o lado, aumentando a distância. — Aqui e mais nada além disso. — Deixo bem claro e dando um ponto final nessa conversa. Viro as costas, deixo a tal professora sozinha e vou direto dar aula.

Não vejo a hora de dar aula para o meu anjo, mas é melhor mesmo ninguém nos ver juntos e não sei por que, mas tenho quase certeza que aquela professora não vai me deixar quieto.

Chego à minha sala, arrumo as minhas coisas enquanto vou esperando todos os alunos entrarem. Assim que vejo que a sala está completa, fecho a porta e começo a aula.

— Bom dia a todos. — Cumprimento e eles respondem um sonoro e sonolento bom-dia. — Hoje vamos falar sobre um dos mestres da literatura nacional, Carlos Drummond de Andrade. Ele nasceu em 1902 e faleceu em 1987, vocês nem eram nascidos, mas ele é considerado o mais influente poeta do século XX. — Começo a explicar enquanto escuto o barulho das folhas dos cadernos que os alunos vão abrindo. — Drummond faz parte da segunda fase do modernismo brasileiro, claro que vocês já estudaram todas as fases da literatura, mas, hoje, vamos analisar um poema desse autor. Anotem o poema que vou passar na lousa e vocês farão uma pequena dissertação sobre ele, uma resenha,

com as suas impressões. Ok? Quem tiver qualquer dúvida, não hesite em perguntar — aviso e todos concordam.

“Poema da Necessidade” foi o escolhido por mim para essa atividade, ele traz uma grande crítica às regras impostas pela sociedade de como temos que conduzir as nossas vidas. Espero que os alunos compreendam.

Depois de muitas perguntas e discussão sobre o tema do poema, a aula acaba e sigo para a próxima sala. Na hora do intervalo, aproveito para ir até meu armário pegar minha carteira e ir comer algo na cantinha, chego e já dou de cara com a tal Giovanna.

Entro e cumprimento outros professores que ainda não tinha tido a oportunidade de conhecer.

— Professor Eduardo, vai à lanchonete?

— Sim, professora. Vou comer algo por lá — respondo, breve, não querendo dar atenção.

— O professor aceita companhia? — pergunta, vindo em minha direção como se fosse uma caçadora, e eu, sua presa.

— Não precisa. Obrigado pelo convite. — Dispenso, me esquivando. Ela tem escrito “encrenca” em letras garrafais bem no meio da testa, e eu que não a quero perto de mim. Se meu anjo nos visse juntos, aí que ela não vai me dar nenhuma oportunidade.

Saio a passos largos e vou direto para a lanchonete, faço meu pedido e, com a comida em mãos, decido dar um pulo até a biblioteca, ver se acho algum lugar sossegado para comer antes que a tal professora venha atrás de mim. Vou cumprimentando alguns alunos e desviando de outros que estão desatentos e que quase derrubam meu lanche. A biblioteca está vazia.

— Olá, bom dia, meu rapaz. Em que posso ajudar? — uma senhora simpática pergunta.

— Bom dia, senhora. Sou o novo professor e gostaria de saber se você tem uma salinha onde eu posso ficar sossegado.

— Claro que sim, professor. Esses jovens de hoje fazem muito barulho e entendo que o senhor queira fazer umas anotações. Meu nome é Suzane e sou responsável pela biblioteca.

— Obrigado, dona Suzane. É só até bater o sinal do intervalo. Desculpa a minha falta de educação, meu nome é Eduardo Santana e sou o professor de literatura.

— Muito prazer, professor. Vou te levar até a sala. Alguns professores usam para descansar, preparar alguma atividade — diz enquanto abre a porta. A sala é pequena, tem somente um sofá e uma mesinha com cadeira. Isso está de bom tamanho para mim, só quero ter paz e fugir um pouco daquela mulher.

— Obrigado, de novo, dona Suzane — falo e deixo meu lanche sobre a pequena mesa. — Vou pegar um livro para passar o tempo. — Ela acena e me deixa sozinho. Saio da sala e entro no primeiro corredor da biblioteca. A biblioteca daqui é de tamanho mediano para uma escola desse porte, mas ainda assim é uma biblioteca. Acho que deve ter uns oito corredores, calculando daqui. Viro no outro corredor e escuto a voz dela. Melissa. Percebo que sua voz está se aproximando e me preparo para o bote. Ela está distraída olhando os livros. Vou por trás e tampo a sua boca, agarrando-a com força, para que ela não escape e grite, e a carrego para a sala onde eu estava. Sei que é arriscado demais, mas preciso ficar um pouco com ela. Quando a solto, ela se vira bruscamente e, ao me ver, seu rosto é de surpresa.

— Caramba, Edu, que susto me deu — diz, ofegante, as pequenas mãos no peito. Tão linda.

— Meu anjo, me desculpa, eu tinha que aproveitar essa brecha — justifico, me aproximando um pouco mais. Toco seu rosto, a pele macia sob os meus dedos, percorrendo seus traços.

— Tudo bem, só assustei porque só não sabia o que estava acontecendo. Algum problema? — questiona, preocupada. Seu rosto deitando um pouco na minha mão, aproveitando o carinho que estou fazendo.

— Não, meu anjo. Eu queria mesmo te ver, nem que fosse por poucos minutos — respondo com sinceridade, vendo um brilho surgir em seus olhos.

— Eu também queria muito te ver — diz, os olhos sem deixar os meus.

— Meu anjo, vai ser rápido. Me empresta o seu celular — peço e ela atende sem pensar. Abro a agenda e digito “Gostosão” e salvo o meu número, em seguida envio uma mensagem, o que faz meu celular vibrar em meu bolso.

— Eu não sabia como te pedir isso — diz, tímida.

— Eu também não sabia, mas, de qualquer forma, eu queria te ver. Ainda está tudo bem pra você a gente se encontrar? — pergunto, com medo de ela ter desistido.

— Claro que sim, Edu — responde. Suas mãos vindo para o meu rosto, tocando minha pele, fazendo-a queimar por onde seus dedos passam. Gemo baixinho, sem querer.

— Ah, meu anjo, como estou gostando de sentir seus toques em mim — declaro, fechando os olhos, perdendo o controle. Imaginando suas mãos em outros lugares do meu corpo.

— Eu também gostei de sentir seu toque em mim, Edu — mal ela termina de falar e a prendo contra a parede, sentindo seu pequeno corpo colado ao meu.

— Meu anjo, sei que está sendo muito rápido isso, mas se eu não te beijar agora, acho que eu vou enlouquecer — sussurro ofegante, tomando seus lábios na sequência.

Ela solta um gemido baixo e é como se riscasse um fósforo para acender uma fogueira. Sei que é errado o que estou fazendo e que a qualquer momento alguém pode entrar, mas a vontade que estava de senti-la assim foi maior do que qualquer risco. Melissa geme em meus braços, puxa meus cabelos. Mudo a posição e esfrego minha ereção nela, num vai e vem, nos levando à beira da loucura. Dois insanos. Mas, de repente, me lembro de onde estamos e o que somos aqui dentro.

— Meu anjo, o sinal está batendo, é melhor você ir para a sala e depois a gente se fala — digo a contragosto, seu corpo desprendendo do meu.

— Edu, me desculpa, eu nem vi como abri sua camisa — diz,

envergonhada. Olho e vejo alguns arranhões. Prova da nossa loucura. A beijo novamente, para que ela entenda que não me arrependi de nada.

— Mel, eu adorei isso, mas é melhor você ir. Estamos há um tempo aqui trancados e não quero que você seja pega — aviso e a abraço forte. — Mais tarde eu te ligo.

— Tudo bem, vou indo — concorda, mesmo não querendo ir. Ela me surpreende ao jogar os braços em volta do meu pescoço e me beijar mais uma vez. Saindo logo em seguida.

Tento me controlar, para não sucumbir aos meus desejos. A minha vontade é de ir atrás dela, arrastá-la até minha casa e fazer amor com ela em meio aos lençóis. Respiro fundo e começo a comer o lanche, evitando pensar em Melissa, mas é quase impossível ficar no lugar onde há pouco a tive em meus braços.

Desisto de terminar de comer, pego as minhas coisas, deixo o livro com a dona Suzane e sigo para o banheiro dos professores. Olho no pequeno espelho e vejo que estou um pouco desalinhado, a camisa fora de lugar e o cabelo bagunçado. Lavo o rosto, ajeito a camisa, passo a mão nos cabelos e sigo para as próximas aulas.

A próxima aula que darei é para a turma da Melissa. Assim que entro na sala, nossos olhares se cruzam. Acabo lembrando de tudo que aconteceu agora há pouco. Pisco para ela e vejo seu rosto ruborizar um pouco. Mudo o meu foco para a aula que tenho que ministrar e tento me concentrar em explicar a matéria para os alunos e não pensar em seu pequeno corpo colado ao meu. Mas, às vezes, nossos olhares se encontram e faço de tudo para não dar bandeira.

O sinal toca e mais uma manhã termina, os alunos vão saindo e se despedindo. Recolho minhas coisas enquanto olho Melissa guardando as suas. Antes de ser carregada para fora da sala pela Gabi, dou uma piscadela para ela e sorrimos. Sigo para a sala dos professores, abro o meu armário, guardo algumas coisas e retiro as que preciso para ir embora. Quando fecho a porta do armário, dou de cara com a professora Giovanna me encarando, e não gosto nada. Parece que estou sendo caçado e não gosto dessa sensação.

— E olha nós aqui de novo, professor — diz, provocante.

— Parece que sim, professora. Com licença, mas tenho que ir embora — respondo rápido e vou embora antes que ela diga mais alguma coisa.

Ao chegar a casa, sigo direto para o banho, frio. Mas de nada adianta, meu pau cresce assim que me lembro do ocorrido. Começo a me tocar devagar, pensando em suas mãos passeando pelo meu corpo, em seu agarre em torno do meu pau. Acelero os movimentos, abro a boca para que o ar saia com pressa. Lembro do sabor da sua boca, sua língua tocando a minha, e imagino ela engolindo meu pau. Minha mão se move freneticamente e gozo em jatos que escorrem pela parede do banheiro. Vou desacelerando até que a última gota escorre pela glândula.

Termino o banho e dou graças a Deus pela dádiva de morar sozinho. Visto somente a bermuda, uma camiseta regata e vou para a cozinha, preparar algo para comer. Fuço a geladeira e vejo que logo terei que fazer compras. Acho um pedaço de brócolis perdido e decido fazer um macarrão ao molho branco e brócolis. Depois de anos vivendo sozinho, tive que aprender a cozinhar para não morrer de fome. Enquanto a comida está no fogo, pego meus cadernos e livros, e faço anotações sobre as aulas, provas e trabalhos que darei nas próximas semanas. Verifico o celular e vejo que não tem nenhuma mensagem nova. Abro o aplicativo de mensagens e Melissa está online, mas vou deixar para chamá-la mais tarde.

Assim que a comida fica pronta, me sirvo e dispenso o uso da mesa, indo direto para o sofá. Ligo a TV e procuro alguma coisa para assistir. Largo o prato em cima da mesinha de centro e Bolinha se aconchega no sofá, ao meu lado. Deito com a cabeça no braço do sofá e acabo pegando no sono. Acordo com batidas à porta, insistentes.

— Já vai, já vai — grito.

A pessoa deve estar numa pressa do cão.

Quando abro a porta é ninguém mais, ninguém menos que minha mãe. Antes de eu protestar ou falar alguma coisa, ela passa por mim como um furacão e fico imaginando o que ela está aprontando.

— Oi, filho. — Cumprimenta. Minha mãe é pequena, mas tem uma energia fora do comum.

— Oi, mãe, algo aconteceu? — pergunto, curioso, enquanto fecho a porta.

— Não, meu filho. Está tudo bem com você? — indaga, me sondando.

Eu sabia que ela não viria aqui por nada, a não ser querer saber sobre mim e a Melissa.

— Sim, mãe. Eu estou bem. E a senhora, como está? — disfarço, querendo fazer de tudo para desviar o assunto sobre a Mel, ainda é cedo demais para ela querer saber tudo sobre nós.

— Bem, bem. Filho, você não acha que deveria ter uma empregada?

Ela sempre faz a mesma pergunta quando nos encontramos. Sei que muitas vezes não tenho tempo de cuidar da casa, ou outras vezes estou com preguiça demais para isso, mas acho um desperdício ter empregada para limpar uma casa que apenas uma pessoa mora.

— Mãe, melhor não.

— Então, filho, quer falar logo de uma vez como ela é? — pergunta de supetão, fazendo o olhar inquisidor que conheço desde pequeno. Sei que ela não vai sossegar enquanto eu não der o que ela quer.

— Ela é uma boa aluna, mãe. E é linda. Eu fiquei extasiado quando a vi entrando pela porta da sala de aula e...

Começo a contar tudo e é claro que não conto a parte em que demos uns amassos na salinha da biblioteca.

— Ah, meu Edu, estou tão feliz por você, meu filho. Antes de vir pra cá, eu olhei as cartas e elas me revelaram que ela será a sua esposa — minha mãe afirma, emocionada.

— Sério, mãe? — pergunto, descrente. Eu nunca fui de acreditar nessas coisas, mas não posso mentir que não gostei de ouvir que a Melissa será minha

esposa.

— Eu sei que você não acredita nessas coisas, Edu. Mas é a verdade. Você ainda não sabe, mas essa menina vai me dar algo que eu venho desejando que aconteça com você — avisa, fazendo suspense.

— Me conta logo, mãe — peço.

— Não, meu filho, ainda não é hora — diz, em tom sério. Ela me olha, pensativa, me deixando ainda mais curioso.

— Bom, então é isso mãe. Ela é uma menina linda, que daqui a pouco vai completar dezoito anos e nada vai poder nos impedir — informo, já indo para a cozinha preparar um café para a minha mãe.

Ela encosta no balcão enquanto passo o café e vai me pondo a par das coisas da nossa família ou mesmo de amigos. Envio uma mensagem para Melisa, avisando que minha mãe está aqui e que vou ligar mais tarde para ela. Fico aguardando a resposta e nada.

— Filho? Edu? — Escuto minha mãe chamando a minha atenção.

— Desculpa, mãe.

— Você estava calado olhando para a tela desse seu celular. Aconteceu algo? — questiona, sua mão já tocando meu braço, preocupada.

— Nada não, mãe. Eu estou esperando a Mel retornar a minha mensagem.

— Calma, Edu, ela deve estar falando com alguém, vai saber.

— Esse é o problema, mãe, eu já estou gostando dessa menina, só de imaginar ela falando com algum menino eu fico doido — confesso.

— Edu, que isso, filho? Ela tem direito de conversar com os meninos, e você já é um homem feito, não tem que ficar com medo dessas coisas, querido. Se acha que ela realmente está gostando de você, terá que confiar nela.

Mal a minha mãe acaba de falar e recebo a mensagem dela me

respondendo e fico com o coração mais leve.

Pode, gostoso, fico aguardando a sua mensagem ou ligação bjsss...

— É ela, não é? — questiona e concordo. — Deu pra perceber, seus olhos brilharam ao ver que era ela. Você está apaixonado por ela, meu filho?

— Será, mãe? Eu não sei ainda. Só sei que eu quero estar com ela direto, quero dizer, sempre.

— Isso é amor. Era desse jeito que eu e seu pai ficávamos quando a gente se falava através de cartas. Quando a gente se via pessoalmente era aquela saudade, e não deu outra, logo seu pai me pediu em casamento. Um tempo depois de casados, você nasceu, pra completar a nossa felicidade.

— É isso que eu quero, mãe. Sei que é pouco tempo que a gente se conhece, mas quero ela na minha vida.

— Vai acontecer, filho — afirma, me dando um abraço.

Nessas horas eu sinto saudade de estar na casa dos meus pais. Meu pai faleceu há pouco tempo, vítima de assalto na saída do banco, e sei o quanto ela sente a sua falta.

— Bom, meu filho, eu vou indo embora — avisa depois que tomamos um belo café. Antes de ela ir, pego meu celular e mostro uma foto da Melissa.

— Ela é linda, Edu — minha mãe diz, com sinceridade.

— Sim, mãe. Linda como um anjo.



Capítulo 9

BÔNUS DE GIOVANNA DE ALBUQUERQUE

Sabe essa mulher que está sentada olhando como se estivesse com raiva a ponto de matar qualquer um? Pois é, essa sou eu. Mas o que posso falar de mim para que me conheça? Sou perfeita, linda, uma loira maravilhosa, com uma pele de pêssago. O corpo esguio como de uma modelo, mas nunca me deram oportunidade, só que não vem ao caso. Eu gostava de matemática quando estava no colégio, meus pais me aconselharam a fazer faculdade e me tornar professora.

Eu odiava quando diziam que eu seria professora, esse era sonho da minha mãe. Eu queria ser modelo, viajar o mundo nas melhores passarelas. Também poderia ser atriz ou melhor, cantora. Bom, na realidade, eu nasci para ser rica. Mas tudo deu errado e acabei dando aulas nessa escola que me paga bem, mas não o suficiente. Afinal, eu tenho que cuidar do meu corpo e isso custa caro. Se bem que eu tenho alguns otários que pagam as minhas contas. É simples, vou te dar uma dica: é só dar mole para eles; dispensar alguns beijos aqui e outros ali; fazer com que pensem que você está na deles e *voilà*[2], boletos pagos. Tente, eles caem como patinhos.

Nunca precisei correr atrás de homem algum, até que conheci alguém que me deixou doida, ou melhor, louca de desejo só de pensar nesse homem, moreno, lindo, gostoso. Seu nome? Eduardo Santana. O que importa é que ele fez questão de avisar que não quer nada comigo e isso atçou meu lado caçadora. Esse professor realmente não sabe quem eu sou e do que sou capaz. Vou mostrar

a ele que sou Giovanna, a sua mulher.

Mas não, o desgraçado nem me olha e nem imagina o que está perdendo. Percebi que suas roupas são de boa qualidade, de grife, isso só me confirma que ele tem dinheiro. Vou conquistar esse babaca e fazer ele se apaixonar por mim, afinal, eu sou uma mulher interessante. Uma coisa eu já sei, não é casado, mas vou averiguar, já que essa mina de dinheiro eu quero para mim.

Entro na sala de aula pisando em meus saltos, rebolando o bom traseiro que tenho e direciono toda a minha raiva para uma certa ruiva. Desde o primeiro dia de aula eu não fui com a cara dessa sonsa e é um martírio ter que olhar para a sua cara de anjo.

Tento ao máximo ignorar a sua presença, mas, no meio da aula, quando me viro para explicar a porra da matéria, a vejo com cara de quem está nas nuvens. Certamente está pensando nesses garotos que cheiram a leite.

— Dona Melissa, a senhorita deveria prestar mais atenção na lousa — digo entredentes, num tom raivoso. Ela me olha como se fosse retrucar, mas desiste.

Seria muito bom se essa nojentinha me enfretasse e eu realmente tivesse um motivo para que fosse expulsa da escola. Depois da minha pequena bronca, a ruivinha idiota começa a anotar a lição. Termino de dar aula e sigo de volta para a sala dos professores, tomo meu café com adoçante e pego meu celular. Dou uma olhada nas redes sociais e troco palavras com algumas professoras, e dois professores que mal sabem que lhes dou algum benefício comigo para que paguem minhas contas. Ninguém resiste ao meu charme.

Estou sentadinha, distribuindo sorrisos para todos enquanto minha perna roça na do Carlos, professor de história, quando entra meu homem todo cheiroso, lindo de morrer. Observo-o pegando a carteira e imagino que está indo comer alguma coisa. Levanto e vou até ele.

— Professor Eduardo, vai à lanchonete? — pergunto, jogando todo o meu charme, baixando a voz num tom sensual.

— Sim, professora. Vou comprar algo para comer — diz, em um tom sério.

— O professor aceita companhia? — questiono, chegando mais perto dele, sentindo o seu perfume.

— Não precisa. Obrigado pelo convite — responde, mal me olhando na cara e se afasta.

Poxa, ele deve ser gay, não é possível que ele esteja me dispensando. Ninguém me dispensa. Alguém me chama e tenho que disfarçar, não posso sair correndo atrás dele. Dou atenção mais alguns minutos para esses idiotas que se acham à minha altura, peço licença (afinal, tenho que manter as aparências) e sigo direto para a lanchonete. Eu quero esse homem para mim. Eu vou conquistá-lo, por bem ou por mal.

Não o encontro, tudo por culpa daquela mocreia da Mariane, que fica me fazendo perguntas sem noção. *Gorda, mal-amada do cão*. Odeio gordos, ruivas, pobres... são todos imprestáveis.

Ei, nem adianta você ficar com raivinha. Não estou nem aí para a sua opinião. Voltando ao que interessa, eu tenho que saber mais sobre o professor Eduardo. Vou ter que descobrir tudo sobre o meu futuro marido. Principalmente se tiver namorada, tenho que saber qual vadia vou ter que tirar do meu caminho.

O que me resta, por enquanto, é voltar para dar aula para esses lixos.

O sinal da saída toca e me sinto aliviada por me livrar desse lugar. Volto à sala dos professores e dou de cara com meu Edu se preparando para ir embora. Não quero perder uma boa oportunidade e me apresso em chegar perto dele. Quem sabe peço para ele me dar carona.

— E olha nós aqui de novo, professor — digo, provocante.

— Parece que sim, professora. Com licença, mas tenho que ir embora.

O filho da puta simplesmente responde e vai embora, me deixando atônita por não estar interessado em mim. Pegando minhas coisas, fecho a porta do armário com raiva e passo pelos dois babacas que pagam meus boletos sem nem ao menos me importar com seus olhares, pensando em uma maneira de me aproximar do Edu. Tenho que fazê-lo ver que sou a melhor mulher para estar ao seu lado.

— Marta, quero que me sirva logo, estou com fome — ordeno à empregada assim que entro em casa.

Nasci para ser servida, paparicada, mimada. Quando as minhas amigas perguntam o que eu faço, simplesmente digo que sou empresária e pronto, as idiotas acreditam. Ninguém se importa o que você é, o que importa é o que você se mostra ser. Não ligam se você é um mero professor ou uma empresária de sucesso, o que importa é onde você faz *check-in* nas redes sociais.

Sou uma mulher que gosta de viajar, de comer nos melhores restaurantes, ir nas melhores baladas... e quem não gosta? Só que não quero mais trabalhar, cansei de ver aquele bando de adolescentes imbecis que não servem nem para aprender direito uma operação matemática mais complexa. Para atingir o meu objetivo tenho que ganhar um marido rico de presente, e o Eduardo parece esse tipo.

Tiro toda a minha roupa e jogo no chão da sala para que seja lavada, subo nua para o meu quarto. Gosto de me sentir livre em casa. Entro no meu banheiro e coloco a banheira para encher. Banheira que lembro o nome do idiota que pagou por ela. Foi só fazer um beicinho e o dinheiro estava na minha conta no outro dia. Polvilho sais de banho e entro, sentindo a água quente abraçar meu corpo. Muitas pessoas pensam que é somente com meu esforço de professora que consigo ter todos os meus luxos. Inocentes.

Minha mãe era um doce de pessoa. Ela e meu pai eram casados há muitos anos e fui, como se diz, filha temporã. Eles pensavam que nunca iriam ter filhos e aí nasceu essa pessoa perfeita e maravilhosa que sou eu. Meu pai também era uma boa pessoa, mas gostava muito de dinheiro. Corrigindo, ele fazia tudo por dinheiro. E foi ele que me ensinou desde cedo que dinheiro era o que mais importava na vida, mesmo que você tivesse que sair com um velho barrigudo para consegui-lo. Os amigos do meu pai davam em cima de mim descaradamente e meu pai fazia vistas grossas, incentivando meu comportamento. No começo eu tinha nojo, mas logo me acostumei quando o dinheiro começou a entrar e eu podia me esbaldar nas compras. Os velhotes sempre babam nas ninfetas.

Minha mãe nunca aprovou o que nós fazíamos, mas, por mais que me

aconselhasse, eu não dava ouvidos. Claro que quando eles morreram em um acidente de carro há alguns anos, fiquei triste, afinal, eram meus pais. Mas as lições que meu pai me deu nunca foram esquecidas. E assim levo uma vida cheia de regalias. A água esfria, me seco, visto o roupão e desço para comer algo

— Marta. Marta — grito, chamando aquela incompetente.

— Pois não, senhora — responde, entrando na sala, esbaforida.

— Pode me servir, agora já estou aqui — ordeno.

— Sim, senhora.

Sei que fui criada no meio de gente pobre, mas eu deveria ter nascido em berço de ouro. Acho que fui trocada na maternidade, só pode.

Logo Marta avisa que já está tudo pronto. Como devagar, apreciando o sabor da comida. *Até que enfim esse estrupício cozinhou algo decente.* Preciso bolar um método para descobrir coisas sobre o Eduardo e dar um jeito daquela anta ruiva sumir dali também. Não posso sair perguntando pela escola, ele é novo lá e duvido que alguém saiba alguma informação.

— Marta, pode tirar, já terminei — aviso e subo para o meu quarto, preciso tirar um cochilo. Mereço um descanso por trabalhar tanto e preciso estar me ordem para os paspalhos pagadores.

Um tempo depois, acordo e reparo que meu cabelo está horrível, e isso eu não aceito de jeito nenhum. Pego o celular e disco o número da minha salvação.

— *Salão de Beleza Ouro, em que posso ajudar?* — pergunta a atendente.

— Gostaria de um horário com a Bela.

— *Aguarde um momento. Tenho para daqui a meia hora.*

— Pode marcar.

— *Seu nome, por favor?*

— Giovanna de Albuquerque.

— Senhora Albuquerque, está marcado.

Agradeço e encerro a ligação. Levanto e caminho até o clouset, vasculho as roupas e opto por um vestido de grife, que marca meu corpo, um decote generoso abrigando meus seios. Vai que tenho a sorte de encontrar um homem bem rico pelo caminho. Tenho que estar preparada. Pego a minha bolsa, celular, chave do carro e sigo para o salão ficar mais linda do que eu sou.



Capítulo 10

MELISSA

Escuto o barulho da porta se abrindo e vejo dona Elisa entrando. Minha mãe tem quarenta anos e nem aparenta. É uma mulher bela e desde que meu pai morreu, ela nunca mais namorou, eu acho. Se bem que ela tem todo o direito de se apaixonar de novo. Sempre falo para ela que tem que encontrar um cara decente.

— Oi, mãe, tudo bem? — Cumprimento, indo de encontro a ela, que me aninha em seus braços com força.

— Sim, filha. E como você tá? — pergunta, me soltando e deixando sua bolsa em cima do sofá.

— Bem também. Vou fazer a janta, acabei me distraíndo com as coisas da escola e acabei esquecendo.

— Calma, filha, eu vou te ajudar. Só vou tirar essa roupa e já venho — diz, já indo em direção ao quarto.

Eu estava realmente fazendo lições da escola, mas estava distraída pensando no Edu e em tudo o que aconteceu. Olho no relógio da cozinha e vejo que já passou das oito. *Poxa, o Edu bem que podia ter entrado em contato comigo.*

— Filha, tem algo te perturbando? — assusto ao ouvir a voz da minha mãe bem ao meu lado. Ela me olha atentamente.

— Não, mãe — respondo rápido. Minha mãe com certeza não acreditou na minha resposta, pois, continua me analisando. Mas, por ora, é melhor assim, eu ainda nem saberia o que e como contar a ela que estou interessada em um homem muito mais velho e que ainda por cima é meu professor.

— O que você gostaria de fazer pra jantar? — minha mãe pergunta.

— O que a senhora quiser.

A cozinha é bem equipada, com tudo do mais moderno que tinha na época. Meu pai fez questão de comprar tudo do melhor, já que mamãe sempre amou cozinhar para nós, pelo menos é o que ela me conta. Com certeza ela deve sentir a falta dele. Nem sempre toco no assunto porque sei que ela ainda sente amor por ele, mesmo já tendo se passado alguns anos. Minha mãe merecia encontrar alguém na vida dela, para ser seu companheiro.

— Mel, como anda a escola? Você nem comentou nada sobre o novo professor — comenta e fico surpresa por ela se lembrar que falei sobre isso. — Mel, você está muito distraída, filha.

— Desculpa, mãe, estava mesmo. Então, ele é muito bom dando aula, as alunas caíram matando em cima dele.

— Sério, por quê?

— Ah, mãe, ele é um homem bonito e as meninas deram em cima dele — respondo dando de ombros. Como se eu não tivesse feito a mesma coisa, a diferença é que eu tinha provado do seu beijo, do seu toque.

— Você também não deu? — minha mãe pergunta, curiosa, ainda me analisando. Seu olhar de águia captando cada movimento meu, cada expressão e é certeza de que ela percebeu alguma coisa, pois estreita os olhos. Preciso convencê-la do contrário.

— Não, mãe, ele é muito chato — afirmo com um tom de voz de nojo.

— Ah, Mel, é assim mesmo — diz, dando risada. Olho para minha mãe e reparo que até ela seria um melhor partido para namorar o Edu. Minha mãe é uma mulher belíssima.

— Mãe, ele é chato demais — enfatizo, na maior cara de pau.

— Filha, realmente você não gosta desse professor — conclui, e entra em outro assunto enquanto preparamos o arroz de forno, com salada de batatinha bolinha em conserva que ela tinha feito no dia anterior. Sentamos para jantar e contei para ela sobre a escola e ela sobre o hospital, que está com um novo diretor.

— Sêrio, mãe, como ele é? — Agora eu que estou curiosa.

— Um homem normal. — Ela desvia do assunto, sem querer dar muitas informações e sei que ela acaba de falar uma grande mentira. Mas não quero forçar a situação, sei que ela não quer contar nada. Então selamos uma faixa de paz, já que sei que ela também não acreditou nem um pouco sobre o Edu.

Terminamos de jantar, ajeitamos a cozinha e ela me convida para assistir TV. Pego o celular e reparo mais uma vez que o Edu não mandou nenhuma mensagem e resolvo deixar para lá, ele disse que estava com a mãe dele e quero acreditar que seja verdade. Uma coisa que eu e a minha mãe sempre fazemos quando ela está em casa é ficar no sofá, largadas, assistindo a qualquer baboseira que estiver passando. Depois de assistirmos ao jornal e novela, decidimos que já é hora de dormir.

— Boa noite, filha.

— Boa noite, mãe. Amanhã a senhora está em casa?

— Sim, filha, estou de folga — diz, me dando um beijo na testa e em seguida indo para o seu quarto.

Entro em meu quarto, tiro a roupa e me olho no espelho. Não sou nenhuma modelo. Sigo para o banho desanimada. Pego o celular e coloco a playlist do banho. Sim, eu tenho uma playlist para cada ocasião. Ajeito a toalha, prendo o meu cabelo e escuto o celular tocar.

— Alô. — Atendo sem conseguir disfarçar o quanto estou chateada com a falta de notícias dele.

— *Oi, anjo, que voz é essa?* — Edu pergunta, preocupado.

— Não é nada, Edu. — Desconverso.

— *Anjo, me desculpa a demora da ligação, eu sinto muito mesmo* — fala num tom que parece ser sincero.

— Eu entendo, Edu — respondo, seca.

— *Mel, não me trata assim não. Realmente a minha mãe estava aqui querendo falar comigo* — justifica quando percebe meu desconforto. — *Anjo, eu gosto de você realmente.*

— Edu, a gente mal se conhece e eu já fico incomodada de outras mulheres olharem pra você? — falo, ainda chateada.

— *Meu anjo, eu gosto de você, só de você* — afirma, fazendo meu coração ficar mais tranquilo.

— Edu, era sua mãe mesmo que tava aí? — pergunto, ainda com desconfiança.

— *Claro que era, Mel. Se você quiser, eu marco pra vocês duas se conhecerem. Você quer?*

— Acho que ainda não. Espera, como assim, conhecer sua mãe? — questiono, receosa.

— *Anjo, eu contei pra minha mãe sobre a gente* — confessa. Fico sem reação. *E se ela se opor? E se ela convencer ele de que não vale a pena ficar comigo?*

— Você está brincando, né, Edu? — pergunto, chocada.

— *Não estou não, Mel. Eu contei que conheci uma menina que está fazendo meu mundo virar de cabeça para baixo.*

— O que ela disse? — questiono, curiosa e ao mesmo tempo com receio de não ser aceita por ela.

— *Calma, meu anjo, ela achou você linda. E eu já sou dono do meu nariz, então, quem decide as coisas sou eu.*

— Sério, Edu, eu nunca tive esse tipo de sentimento que estou sentindo por você.

— *Eu também não, Mel. Agora, você me perdoa por não ter ligado ou mandado mensagem pra você antes?*

— Eu perdoo. Só não quero ter esse tipo de sensação nunca mais — aviso para ele.

— *Pode deixar. Agora me conta, aonde você está?* — pergunta, curioso.

— Estava entrando no banho — digo, e escuto seu suspiro pesado.

— *Hum... Que gostoso.* — Sua voz sai rouca, carregada de segundas intenções, o que me faz meu corpo estremecer.

— Sim, bem gostoso, Edu — provoco.

— *Melissa, não faz isso comigo* — adverte.

— Por que não, Edu gostoso? — instigo mais uma vez e escuto seu gemido.

— *Anjo, o que eu mais gostaria era de estar ao seu lado te tocando e beijando cada centímetro desse corpo gostoso.*

— Eu também, Edu, eu também — digo, quase gemendo de prazer só de ouvir sua voz carregada de tesão.

— *Melhor eu parar. Vai tomar um banho bem gostoso e quando terminar, você me liga.*

— Pode deixar que vou tomar um banho pensando em você — falo e ele

quase rosna, me deixando completamente excitada.

— *Isso, anjo, só em mim você pode pensar. Não vejo a hora de estarmos juntos.*

— Eu também, Edu. O que acha de a gente se ver amanhã? — sugiro.

Não vejo a hora de poder beijar ele de novo.

— *Pode ser, quem sabe a gente se vê depois da sua aula, o que acha?*

— Claro que sim. Agora vou entrar no banho, já estou nua.

— *Isso, anjo, provoca mesmo. Você quer me matar* — acrescenta, depois de grunhir e gemer.

— Sim, adoro te provocar. E nada de morrer, preciso de você bem vivinho — brinco, zoando com a cara dele. Ele solta uma risada rouca, o que causa uma vibração gostosa pelo meu corpo todo.

— *Agora vai, anjo, senão eu não me contenho e vou atrás de você agora mesmo.*

Nos despedimos e prometo ligar para ele mais tarde. Encerro a ligação feliz.

Ainda bem que era mesmo a mãe dele.

Tomo meu banho bem tranquilamente, lembrando da nossa manhã juntos.

Saio do chuveiro um tempo depois, visto meu baby doll de seda que ganhei de presente da Gabi quando completei dezessete anos. Deito na cama e pego o celular para ligar para ele. O telefone toca várias e já estou desistindo quando ele atende.

— *Oi, anjo, já tomou banho?* — diz, um pouco ofegante.

— Sim. Por que você está ofegante? — pergunto, querendo saber por que ele demorou para me atender.

— *Mel, eu estava terminando o banho quando ouvi o toque do celular, saí correndo do banheiro para atender. Perdão pela demora.*

— Sem problemas — falo, dando risada. — E está fazendo o que agora?

— *Deitado em minha cama* — diz e fico imaginando-o nu, deitado.

— Eu também já estou deitada — confesso.

— *Você ainda vai ser arreponder dessas provocações, anjo. Queria você aqui na minha cama* — comenta.

— Eu também, Edu.

— *Mel, vamos dormir. Amanhã você tem que acordar cedo e já está tarde. Vamos nos encontrar, mantenha o celular com você* — pede, e eu concordo.

Desligamos e abraço o travesseiro, pensando em meu professor gostoso.



Capítulo 11

Depois que encerramos a ligação, saio correndo direto para o banheiro e ligo o chuveiro. Meu pau está explodindo de tesão só de ter ouvido o tom de voz safada que Melissa falou comigo ao telefone. Imaginá-la nua, seus cabelos ruivos moldando o rosto, poder passar a língua em cada parte do seu corpo, me faz ficar mais duro ainda. Seguro meu pau com firmeza e dessa vez será rápido. Movimento toda a sua extensão para cima e para baixo freneticamente, causando arrepios em todo o meu corpo. Minha visão nublada e gozo deliciosamente, apoiando uma mão na parede enquanto retomo o controle do meu corpo. Termino o banho, enxugo o meu corpo, visto somente um short e me jogo na cama.

Nunca me senti ligado numa garota antes, não como estou ligado a ela. A primeira vez que realmente estou interessado em uma mulher e ela tem idade para ser minha filha. Eu deveria achar isso totalmente errado, mas, quando penso nela, me parece tudo tão certo.

Melissa é tão menina mulher, um anjo, mas quando estive em meus braços, se transformou em mulher diabinha, provocante, sabendo o que queria. A vida é engraçada, eu que nem pensava em me amarrar, estou de quatro por uma adolescente que me tem nas mãos. Ela nem imagina o poder que tem sobre mim. Eu que nem me imaginava casado, já até vislumbrei uma criança correndo pela casa, bagunçando tudo.

Sei que estou caminhando por um terreno perigoso, sei bem como são os

adolescentes e todos os hormônios que os cercam, já fui um, não se esqueça. Também estou ciente que nossa diferença de idade pode ser um grande empecilho para nosso relacionamento. Sei que você pode estranhar um homem tendo todos esses pensamentos e verbalizando cada um deles. Mas não tenho vergonha de dizer o que estou sentindo. Eu a quero ao meu lado e ponto final.

Também não posso negar que sinto medo. Medo de que ela simplesmente deixe de se interessar por mim da noite para o dia. Medo de que seus pais não aceitem o nosso relacionamento. Bom, que pai aceitaria de bom grado que sua filhinha estivesse em um relacionamento com um homem bem mais velho e experiente? Mas eu não vou desistir, vou lutar pela Mel, pelo nosso relacionamento, nossa felicidade.



Capítulo 12

BÔNUS ELISA

Eu não converso muito com a minha filha, Melissa, sobre o pai dela, sei que ela sente falta dele e que queria saber mais, mas nem tudo posso contar. Quando conheci o Gabriel, foi amor à primeira vista. Ele tinha acabado de sofrer um acidente de carro e foi levado justamente para o hospital onde eu estava de plantão. Naquela época eu era uma romântica extremista, acreditava em felizes para sempre e contos de fadas.

Eu contava as horas para poder entrar no plantão e ver o moço bonito que me dizia palavras sedutoras. Rapidamente nos envolvemos. Ele era gentil, carinhoso e logo me vi no altar e com uma aliança na mão esquerda. Foi aí que o inferno começou.

— Amor, hoje à noite vou sair com a Lúcia — avisei.

— Hoje você não vai! — disse, em um tom grosseiro.

— Por que não? — questionei, surpresa com seu jeito.

— Eu falei que não é ponto final. Você tem que ficar comigo em casa — falou entre os dentes, o olhar raivoso direcionado a mim.

— Gabriel, nós ficamos sempre juntos. A Lúcia é minha amiga e eu tenho o direito de sair com quem eu quiser — ponderei, chateada.

— Mas não vai. E outra coisa, eu não quero nenhuma amiga sua aqui em casa, entendeu?

— Gabriel, você não tem o direito de proibir nada — esbravejei, alterada. Quando dei por mim, Gabriel já tinha me pegado pelos braços e me sacodia violentamente.

— Você não vai sair, Elisa — gritou bem na minha cara, apertando os meus braços com força. Ele só me soltou quando viu as minhas lágrimas. — Me desculpa, Elisa, por ter machucado você — pediu, arrependido. E eu aceitei.

Depois daquele dia eu não tive mais sossego. Gabriel começou a beber demais, chegava completamente alterado pela bebida e descontava tudo em mim. No começo, eram agressões verbais. Depois passaram a ser físicas. Acabei sendo afastada do trabalho pelo comportamento que estava tendo. Eu não queria contar para ninguém. O que as pessoas pensariam se soubessem que eu apanhava do marido?

Você deve estar se perguntando por que eu não me separei. Simples. Eu, como a maioria das mulheres que sofrem violência doméstica, pensei que ele iria mudar. Ele sempre prometia isso depois de uma surra. Dizia que estava arrependido, que me amava demais e eu aceitava.

Só teve uma ligeira melhora depois que acabei engravidando da Melissa. Quando contei a ele que estava grávida, ele chorou de emoção e prometeu que ia mudar. Realmente ele tentou, passei a gravidez sem apanhar e ele quase sem beber. Os meses foram só de alegria e felicidade. Minha menina nasceu forte, linda e saudável, parecida com o pai. Era a coisinha mais gostosa de pegar e apertar.

O tempo foi passando, Gabriel parecia ter voltado a ser aquele homem maravilhoso pelo qual eu tinha me apaixonado. Melissa começou a andar, falar. Nossa filha havia chegado para mudar as nossas vidas, literalmente. E eu pensei que iria ser para sempre.

Já tinha se passado três anos, quando ele chegou em casa transtornado, bêbado, descontrolado. E o meu medo de que tudo voltasse como estava antes foi real. Tentei conversar com ele, mas ele não queria conversa.

— Não é da sua conta — gritou, estúpido. Magoando meu coração de tal forma que simplesmente não consegui segurar o choro. — Vai ficar chorando aí por quê? — questionou, grosso.

— Agora quem fala “não é da sua conta” sou eu! — esbravejei.

E aí foi o meu erro. Gabriel veio com tudo para cima de mim e o tapa foi tão grande que o anel que ele usava cortou o meu lábio. O gosto do sangue invadiu a minha boca e meu rosto doía e queimava como o inferno. Mas o ódio tomou conta de mim naquele momento.

— Você nunca mais encosta sua mão em mim, seu bruto — disse pausadamente, para que ele entendesse cada palavra.

— Você pode parar com a palhaçada, ouviu, Elisa? — advertiu, em tom de ameaça.

— Gabriel, eu juro que se você encontrar mais um dedo em mim, eu pego a Melissa e caio fora daqui — alertei, o dedo apontado bem perto do seu rosto e meus olhos ardendo com todo o ódio e lágrimas não derramadas.

Percebi que ele amoleceu. Sua maior paixão era a Mel.

— Você não pode fazer isso comigo, Elisa. Eu te amo — disse, desesperado. Deu um passo em minha direção e me afastei bruscamente.

— Nunca mais você vai me tocar. — Prometi mais a mim mesma do que a ele.

— Que isso, Elisa? Não precisa fazer toda essa tempestade, não foi nada, foi só um tapinha — tentou justificar na maior cara de pau.

— Ah, claro, as outras vezes também foram, não? — questionei, irônica.

— Amor, aquilo lá faz parte do casamento — explicou, tentando chegar mais perto de mim, como se as coisas que estavam acontecendo fossem naturais em um relacionamento.

— Não, faz não! — rebati.

Finalmente percebendo que o amor que eu tinha tido por ele havia acabado. Mais precisamente no dia em que ele me bateu pela primeira vez.

— *Eu te amei tanto, Gabriel, mas tanto. — Comecei a falar, tentando segurar o choro. — Quando você me bateu a primeira vez, achei que era problema no seu serviço e te perdoei. Mas aí se tornou uma constante e sabe por que você não se lembra da maior parte das surras e estupros que cometeu comigo? — questionei com a voz baixa, para não acordar a minha filha. O olhar dele estava cravado em mim, cheio de ódio. — Porque você sempre estava bêbado. Eu realmente te amava e tinha esperanças que fosse mudar, então me mantive firme. Até que engravidei e tento não pensar se isso ocorreu em uma das vezes em que você me forçou a fazer sexo. Mas aí eu vi uma luz, você tinha mudado por causa da nossa filha. Ou eu pensava que tinha, até agora — concluí, ofegante.*

— *Elisa, calma. Eu te amo. Entenda que eu estava doente — justificou, desesperado.*

— *Você nunca me amou. Na realidade, você nem sabe o que é amor — acusei. Ele ficou vermelho e veio para cima de mim novamente, mas desistiu ao levantar a mão para mim e ver meu olhar enfrentando o seu.*

— *Quer saber mesmo? Eu nunca te amei. Nunca — confessou. E mesmo que eu já soubesse disso, ouvir aquilo deixou meu coração sangrando.*

— *Eu sabia. Mas preste bem atenção, pois só vou falar uma vez... — Respirei bem fundo e olhei bem em seus olhos. — Eu quero o divórcio.*

Acordei no hospital, toda machucada. Não me lembrava de nada, nem de como tinha ido parar ali, mas fazia uma ideia. Minha primeira preocupação foi Melissa.

— *Melissa — gritei, já chorando. A porta se abriu e Lucia entrou com minha filha no colo. O alívio percorria minha alma quando a peguei nos braços.*

— *Calma, Eli, acabou tudo — Lucia me consolava.*

— *O que eu estou fazendo aqui?*

— *Calma, Eli, você tem que ficar boa pela sua menina.*

— *O que aconteceu?*

— *Gabriel te bateu novamente, e fugiu para não ser preso.*

Fiquei atônita, sem saber o que dizer.

— *Ele não fez nada com a minha menina, não é? — questionei, preocupada. Olhei cada pedacinho da minha filha enquanto ela brincava com o meu cabelo.*

— *Não, fica tranquila. Bom, eu fui na sua casa perguntar se queria ir ao mercado contigo quando te encontrei desmaiada.*

Meu coração doeu ao ouvir aquilo e puxei Melissa para encostar a cabecinha no meu peito.

— *Há quanto tempo estou aqui?*

— *Quatro dias, para ser mais exata.*

Comecei a chorar de alívio por estar viva, e minha menina, bem.

— *Obrigada, amiga. — Agradei, emocionada.*

Fiquei internada mais alguns dias para me recuperar e a Lucia foi mais que amiga, foi uma irmã para mim. Cuidou da minha menina como se fosse filha e assim nossa amizade se fortaleceu.

Prestei queixa contra ele e um tempo depois fiquei sabendo que Gabriel havia sido preso, para a minha felicidade. Ele foi solto depois de algum tempo e desapareceu. Um tempo depois, ele voltou e parecia realmente ter mudado. Conforme o tempo foi passando, deixei que ele se reaproximasse aos poucos de nós, que visse algumas vezes a filha. Mas, na cadeia, Gabriel se envolveu com gente barra pesada e logo foi assassinado. Eu e Lucia juramos jamais contarmos para Melissa quem foi o pai dela de verdade. Ela só tinha que saber que ele a amava. Isso era o suficiente.

Agora tenho controle da minha vida. Voltei a trabalhar no hospital, tenho uma linda filha que cresceu saudável e inteligente. A minha amizade com Lucia será eterna, assim como a das nossas filhas. Melissa e Gabriela são como irmãs.

Depois de tudo que sofri, decidi que não quero mais nenhum relacionamento em minha vida! Quero me dedicar somente a mim e minha filha. Meu coração está fechado para o amor.



Capítulo 13

MELISSA

Acordo e fico rolando na cama, impaciente.

Será que a mãe dele vai gostar de mim? Será que vai aprovar o nosso relacionamento? Será que a minha mãe vai aprovar? Tantas perguntas, e nenhuma resposta.

Penso e acabo falando em voz alta. Temo que a minha mãe possa ter ouvido meus temores. Levanto pé ante pé, vou até a porta e abro com cuidado para ver se ela não está de butuca. Tudo tranquilo. Se bem que a minha mãe não é de ficar ouvindo atrás das portas. Mas vai saber, né, tudo tem sua primeira vez.

Dormi bem mais tranquila ao ver que ele não tinha desistido da gente, apesar do risco que corremos. Pego o celular e ligo para a Gabi.

— Gabi, me atende... anda logo — reclamo, olhando para a tela do celular.

— Alô. Mel, o que aconteceu?

— Falei com Edu ontem — digo de uma vez.

— Ah, meu Deus! Me fala logo — ela praticamente grita e afasto o celular do ouvido.

Conto tudo o que conversamos e omito as partes picantes, ela não é

obrigada a ficar sabendo da minha intimidade.

— *Que lindo, Mel. Ele realmente gosta de você.*

— Eu também. Acho que eu amo ele — digo com toda sinceridade.

— *Isso dá pra se notar. E quando vai contar pra sua mãe?*

Está aí uma coisa que eu ainda não sei como resolver. Vou ter que contar, não posso ficar escondendo dela. Hoje em dia é normal um relacionamento com grande diferença de idade. Mas a questão é: ele é meu professor, e sou só uma adolescente. Será que ela vai aceitar?

— Eu tenho medo, Gabi.

— *Eu te entendo, mas vai chegar uma hora que vocês vão ter que falar pra ela.*

— Sei disso, mas não agora. Estamos apenas começando o nosso relacionamento e nem sabemos se vai dar certo. Hoje vamos nos encontrar — digo, empolgada. Hoje tem reunião dos professores e só teremos aula mais tarde.

— *Graça a Deus. Agora tchau pra você porque eu quero dormir mais um pouco.*

— Nem vem. Pode tratar de levantar. Não é porque vamos entrar mais tarde que você vai ficar enrolando. Vai se arrumando que daqui a pouco a gente se encontra.

— *Sim, mamãe* — zomba da minha cara.

— Isso, me obedeça. Deixa eu mandar mensagem para o Edu.

— *Nossa, que lindo.* — A pilantra tira sarro de novo.

— Isso, vai zoando mesmo. Um dia você vai se apaixonar.

— *Não roga praga não, miga* — diz, dando risada.

— Ah, eu rogo essa praga maravilhosa de amar e ser amada.

— *Nem pensar. Vou tomar meu banho, senhora amada* — provoca.

— Sou mesmo. — Dou risada e encerro a ligação.

Digito a mensagem e envio para o meu professor gato.

Oi, amor, tudo bem? Daqui a pouco estou na escola

Rapidinho meu celular toca o som de mensagem.

Oi, meu anjo, estou com saudades. Vem com cuidado, coração”

Fico com aquele sorriso bobo. Sabe aquele que mostra que estou completamente apaixonada? É esse que estou dando agora.

Pode deixar. Eu te aviso quando chegar.

Fico te esperando. Estou louco pra te beijar, meu anjo.

Só de ler essa mensagem já fico toda excitada. Esse homem é louco, e eu sou louca por ele.

Eu também, gostosão, eu também.

Levanto, me troco e pego minhas coisas. Assim que desço, encontro minha mãe na cozinha.

— Nossa, mãe, a senhora está linda.

— Você também, amor. Vamos para a sua reunião. Depois eu vou sair com a mãe da Gabi.

— Hunrum. Eu estava falando com ela agorinha mesmo.

— Ela já estava acordada? — minha mãe pergunta, dando risada. Ela sabe muito bem que a Gabi não pode ver uma cama que se encosta e já dorme.

— Sim, ela estava. Disse que ia tomar banho e imagina a cena toda que foi — digo, revirando os olhos e minha mãe dá risada.

Sento para tomar o café que ela preparou. Enquanto como, imagino essa cena com o Edu, uma coisa tão simples como tomar café juntos. Seria maravilhoso.

— Mel. Mel — minha mãe chama a minha atenção.

— Desculpa, mãe. Estava distraída.

— Percebi. Me ajuda a guardar as coisas, caso você já tenha terminado de tomar seu café.

— Sim, já terminei. — Levanto e a ajudo.

Desde pequena sempre gostei de fazer essas coisas, de ajudar a limpar a casa. Aprendi a cozinhar muito nova. Minha mãe precisava ir para os plantões e eu tinha que me virar sozinha. Olho na mesa e observo se tem mais alguma coisa fora do lugar. Pego as minhas coisas e seguimos para a casa da Gabi, buscá-la.

— Filha, cuidado na hora de voltar para casa, ok? — pede.

— Sim, mãe, pode deixar.

— Então tudo bem.

Ligo o rádio e começa a tocar a música 1% de Marcos e Belutti com o Wesley Safadão. A mãe da Gabi não vai poder ir na reunião, então minha mãe vai representando-a também. Paramos o carro na frente da casa dela e minha mãe buzina. Gabi aparece parecendo um zumbi, andando desanimada e sonolenta.

— Oi, tia, bom dia. — Gabi dá um beijo na minha mãe e vira para mim. — Oi, bruxa — fala, em um tom bravo.

— Oi, feia, acorda — provoco.

— Meninas, se comportem — minha mãe adverte.

— Mãe, ela não pode ver uma cama.

— Eu sei.

O que acontece na balada, da dupla Thaeme e Thiago, começa a tocar. Não dá para segurar. Olhamos uma para a outra e começamos a cantar, para o completo desespero de minha mãe, que somente nos olha de canto de olho e balança a cabeça, em negação.

— Podem cair fora — diz, assim que estaciona o carro na porta da escola.

— Mãe, a delicadeza hoje está ótima, hein — provoco e ela ri.

— Sempre. Agora sumam. Vou para a reunião e espero, sinceramente, que não tenha nenhuma reclamação de vocês.

— Bom, eu espero que não mesmo, tia — afirma Gabi, rindo.

— Já eu não tenho certeza — digo, olhando para a minha mãe. Pelo olhar vejo que ela fica surpresa.

— Por que você diz isso, Mel?

— Porque tem uma professora lá que não vai com a cara dela, tia.

— Você fez algo para ela, filha? — pergunta, me olhando como se estivesse me avaliando para saber se minha resposta será sincera.

— Não. Desde que ela começou a dar aula pra gente, que não vai com a minha cara. E eu, com a dela — respondo e minha mãe balança a cabeça, concordando.

— Bom, vamos indo.



Capítulo 14

Melissa

Seguimos direto para a nossa sala e ali está meu namorado lindo, maravilhoso e gostoso. Ele está encostado em sua mesa, esperando que todos os alunos cheguem. Seu olhar encontra o meu assim que entro na sala, ela dá um aceno com a cabeça, nos cumprimentando. Assim que sento em meu lugar, o celular apita com uma nova mensagem.

O que eu mais queria era mandar todos os alunos embora e ter você só pra mim.

Ficaríamos nos abraçando e nos beijando.

Ah, meu anjo, que saudade do seu beijo.

Pensa numa mulher que fica se sentindo por estar sendo bem desejada pelo meu gostoso professor.

Então manda eles embora! Estou brincando, gostoso.

Não vai faltar oportunidade para ficarmos juntos,

Vamos ao cinema hoje? O que você acha?

Saudades de te beijar e sentir suas mãos em meu corpo.

Envio a mensagem e logo em seguida o vejo abrir um sorriso discreto. Isso com certeza é um sim.

Desvio o meu olhar para ver se tem alguém prestando atenção em nós, mas todos estão entretidos com seus celulares. Ele ainda dirige um pequeno olhar para mim antes de guardar o celular no bolso da calça dele. Edu vai até a porta e a fecha.

— Bom, acho que não falta mais ninguém, certo? — pergunta, olhando para a sala.

— Tá todo mundo aqui, professor — alguns alunos respondem.

— Bom, vamos lá, peguem a apostila e abram na página 50.

Edu, quero dizer, professor Eduardo Santana, o ogro mais gostoso, começa a discorrer sobre a vida e obra de Eça de Queiroz. Ressaltando pontos importantes sobre o estilo de escrita do autor, contando alguns fatos sobre a vida dele. Tento me concentrar ao máximo, mas ver o jeito que ele se move enquanto explica, as vezes em que ele passa a mão displicente pelos cabelos ou até mesmo quando coloca uma mão no bolso da calça social me deixa excitada. Acabo tendo que me ajeitar melhor na cadeira e faço mais barulho do que desejava. Todos viram para mim, inclusive ele que me olha com um ar de riso porque sabe que está me provocando.

— Algum problema, senhorita Melissa? — pergunta, sério. Fecho a cara e o vejo querendo dar risada ao me ver brava.

— Nenhum, professor. Eu estava aqui olhando pras paredes — respondo com ironia. Ele me olha surpreso pela minha resposta. Edu endurece o olhar, tornando-o sensual. Mas ninguém sabe o que está acontecendo entre nós e ficam apenas vendo o duelo.

— Então, senhorita Melissa, ao invés de ficar olhando para as paredes, como você mesma disse que estava fazendo, comece a prestar atenção na minha aula — diz, em um tom duro.

— Pode deixar, professor. Vou prestar muita atenção na sua aula — digo, revirando os olhos.

Todos dividem os olhares entre mim e o professor, cochichando e esperando uma resposta de qualquer um de nós. Para todos os efeitos eu não vou com a cara dele. Todos têm que acreditar nisso. Só não podem sequer imaginar que a minha vontade é de sair correndo, me jogar em seus braços e sentir sua boca na minha.

— Então vamos fazer o seguinte, você vai ficar sem hora do intervalo e vou passar a aula toda, essa que você não está prestando atenção. A menos que queira ir direto para a diretoria — ameaça, os olhos com um brilho diferente e percebo a jogada. O filho da mãe sabe mesmo enganar um.

— Claro, professor, eu vou ficar olhando só pra você! Perdão, quero dizer que vou prestar a atenção em sua aula. — Debocho. O resto da sala começa a dar risada e o Edu me olha com um brilho no olhar, como se estivesse dizendo que vou pagar por essa insolência. Não vejo a hora de me aproveitar disso.

Assim que o sinal bate, arrumo as minhas coisas como se eu fosse sair para o intervalo, só para ver a reação dele.

— Aonde a senhorita pensa que vai, dona Melissa? — Ele usa um tom que faz as minhas pernas ficarem bambas.

— Ora, professor, eu vou para o intervalo — respondo, olhando para ele.

Ele fecha a cara e os alunos saem correndo da sala, nos deixando sozinhos. Edu vai até porta da sala e a tranca, e minha expectativa aumenta.

— Então quer dizer que a senhorita estava olhando para as paredes? — provoca, vindo em minha direção. Seu corpo demonstrando uma postura de predador, me deixando completamente excitada.

— Mais ou menos, professor — sussurro.

— Professor... eu gosto de como você pronuncia — confessa, chegando mais um pouco para perto de mim. Ele me puxa bruscamente para os seus braços e nossos corpos se chocam, suas mãos delineiam as laterais do meu corpo, fazendo-o estremecer.

— Hum... que saudade, Edu — falo, mole e sou atacada com um beijo profundo.

Meu corpo reage no mesmo instante, pegando fogo, perdendo o controle. Levanto a camisa dele e passo as minhas unhas em seu peito perfeito.

— Isso, anjo. Faz de novo, adoro sentir seu toque em mim — geme em resposta ao meu toque.

— Assim? — Arranho novamente o seu peito e sinto ele estremecer.

Olho para a sua calça e vejo o quanto o pau dele está duro. Ele me beija de novo e minha mão serpenteia por seu corpo até chegar no cinto de sua calça. Logo ele percebe a minha intenção e tenta me parar.

— Anjo, não faz isso! — pede, com a voz rouca de tesão. O que me deixa mais determinada ainda. Solto o cinto e abaixo o zíper da calça.

— Fazer o quê? — Faço-me de desentendida.

— O que você está prestes a fazer — geme ao sentir o toque da minha mão sobre a cueca dele.

— Calma, eu só quero te tocar um pouco — respondo, ainda insegura sobre o que devo fazer. Afinal, eu nunca chupei nenhum homem. Mas eu o quero.

— Anjo, alguém pode ouvir. — Ele tenta me impedir.

— Ninguém vai entrar aqui, Edu. Ou você acha que eu não vi você trancando a porta?

— Amor, a gente faz depois disso... Puta merda, anjo — exclama ao perceber que libertei o pau dele. Ajoelho e passo a língua sobre ele, testando o sabor e me preparando para o que vou tentar fazer. É claro que eu já vi filmes pornô e sei mais ou menos como fazer. Assim espero. — Anjo, calma, não é o momento ainda.

Mas eu sei que ele quer tanto quanto eu. Ele já poderia ter me impedido

desde o começo, mas ele apenas tenta argumentar porque não está aguentando de vontade de me sentir.

— Eu quero fazer isso. — Abocanho com gosto o pau dele. Sinto o gosto, a textura, a dureza em minha boca. Tiro um pouco a boca e volta a abocanhar. O pau dele pulsa de tesão, e minha boceta, também.

Edu aproveita para soltar meu cabelo, enfia uma mão de cada lado da minha cabeça, segurando pelos fios soltos e começa a fazer um vai e vem.

— Ai, que delícia essa boca, anjo. Como eu quero foder ela — geme e tira o pau da minha boca. Claro que ele sabe que sou inexperiente e vai com calma, sem colocar tudo dentro. Ele volta a colocar na minha boca e conduz o vai e vem, gemendo. — Anjo, para, estou a ponto de gozar. — Apenas balanço a cabeça positivamente, incentivando-o a continuar, sem parar de chupar seu pau. — Anjo, vou gozar na sua boca.

Aceno novamente e ele acelera os movimentos. Sinto como se o pau dele fosse explodir dentro da minha boca de tão duro que está. Não consigo entender muito as coisas que ele diz, mas logo sinto minha boca encher com sua porra, quente, grossa e um pouco salgada. Estranho um pouco a sensação, mas nada se compara ao olhar para cima e vê-lo entregue.

— Anjo, que boca gostosa. Não vejo a hora de me enterrar na sua bocetinha e sentir o seu calor. Caralho, que boca divina é essa, meu anjo? Eu amei estar dentro dela. — Ele me ajuda a levantar e me beija, sentindo seu gosto na minha boca. E é a coisa mais sexy do mundo. — Essa foi a melhor chupada da minha vida.

— Amei fazer isso.

— Amor, o sinal está prestes a tocar e os outros estão para voltar. Não podemos mais ficar aqui.

— Então é melhor eu sair e ir até o banheiro me arrumar.

— Tudo bem. Mas estou triste.

— Como assim, triste? — pergunto, curiosa.

— Sei que você está excitada desde aquele momento que eu estava dando a aula. Você não parava de se mexer, a minha vontade era de ir lá e te aliviar. E é o que eu quero fazer, mas não vamos ter tempo.

— Amor, mais tarde a gente se encontra e falamos sobre isso. Eu preciso sair, senão o pessoal vai estranhar que a gente está aqui há muito tempo.

Pego minhas coisas e, antes de sair, ele me beija com paixão.



Capítulo 15

MELISSA

Escovo os dentes, penteio o meu cabelo e lavo o rosto. Assim que saio banheiro, dou de cara com a bruaca da professora Giovanna.

— Oi, professora. — Cumprimento, seca.

— Ora, ora, se não é a sabe tudo da ruiva — diz em tom de desdém.

Qual é o problema dessa mulher?

— Sim, professora, eu sou ruiva. Agora, se me der licença, estou indo para a minha aula que, por sinal, é sua — ironizo.

— É a minha espertinha. Agora, deixa te perguntar, aonde você estava?

— Acho que eu não preciso te falar, você não é a minha mãe.

— Você é muito insolente.

— Quem está dizendo é você, tem gente que me acha um anjo — respondo virando as costas.

Assim que entro na sala, todos me olham como se eu fosse de outro mundo. Cochichando, querendo saber o que tinha rolado entre mim e o

professor.

— Gente, não aconteceu nada. Eu não matei o professor — digo, num tom de brincadeira. Todos riem e voltam aos seus afazeres.

— Mel, o que aconteceu entre vocês? — Gabi cochicha e olho para ela com um risinho idiota estampado na minha cara. — Sem comentários. Ou melhor, vou querer saber de tudo depois — exige, baixinho.

— Boba tu não é.

— Claro que não. Quero todos detalhes sórdidos — diz, esfregando as mãos uma na outra, rindo.

A besta humana da professora Giovanna entra na sala e corta o nosso barato. Ela mal olha na minha cara e já começa a passar a matéria na lousa. Algumas horas depois, o sinal da saída toca. Guardo rapidamente as minhas coisas e puxo a Gabi para fora da sala. Pego o celular e envio uma mensagem para o Edu:

Amor, estou saindo da escola agora

— Gabi, você acredita que a professora Giovanna me encurralou na hora que eu estava saindo do banheiro? — comento com ela e vejo a sua cara de surpresa.

— Tá brincando, né?

— Pior que não — respondo, olhando para o celular mais uma vez.

— O que ela queria?

— Queria saber aonde eu estava, você acredita nisso? — digo, ainda inconformada.

— Eu, hein. Mel, é melhor você ficar de olho nela.

— Também acho. Vou ter que conversar com Edu sobre isso.

Amor, vem na rua de trás. Estou saindo com o carro.

Eu imagino que a Gabriela esteja com você

Pergunta se ela quer carona.”

Ok

— Gabi, o Edu quer saber se você quer uma carona?

— Eu adoraria, será que eu não vou atrapalhar? — Gabi pergunta, envergonhada.

— Claro que não, né. Vamos?

— Pra onde?

— Vamos lá encontrar com ele!

Puxo ela pela mão e seguimos pela rua. Logo que viramos a esquina da rua de trás, Edu estaciona ao nosso lado e destrava as portas do carro. Gabi entra no banco de trás, e eu, no do carona. Edu me puxa para um beijo rápido.

— Ei, vocês dois, eu estou aqui, viu? — Gabi fala em tom de brincadeira.

— Eu vi, Gabriela, só estava matando a saudade da minha namorada.

— Mas... bom, eu não quero saber o que vocês fizeram lá dentro da sala.
— Gabi solta com um suspiro engraçado, fazendo barulho com a boca.

— Eu não vou contar mesmo. — Pisco o olho para ela, que revira de novo os olhos.

— Amor, para de ficar provocando a Gabi. Bom, acho que posso te chamar assim, não posso?

— Sim, Edu. Posso te chamar assim, também? Porque professor não dá não — confessa dando risada

— Claro que sim, Gabi. Professor é só na escola — Edu responde. — Amor, põe o cinto de segurança.

— Colocando — aviso.

Edu liga o carro e saímos, quando estamos para virar a esquina, vejo a professora Giovanna. A sorte é que ela não nos viu. Ele percebe o nosso desconforto.

— Amor, tudo bem? — pergunta, num tom preocupado.

— Mais ou menos — Gabi responde, interferindo.

— O que houve? — pergunta e olha para a Gabi.

— Edu, eu não quero falar disso — peço.

— Então eu falo — anuncia a minha amiga.

— Bora lá, Gabi. O que a Melissa não quer me contar? — diz, em um tom sério.

— Argh... Pode deixar que eu vou falar — digo, olhando para ela e olho para ele em seguida. — Bom, desde quando entrei nessa escola, a professora Giovanna não foi com a minha cara.

Percebo que ele fica surpreso. No mínimo não imaginava que eu tinha problemas com professores, afinal, eu sou uma boa aluna.

— Por que, anjo, vocês chegaram a brigar? — pergunta num tom carinhoso, e fico feliz ao ver que ele está normal comigo novamente.

— Eu mesma não sei, Edu. Ela nunca foi com a minha cara. Sempre arranja confusão pro meu lado, vive me chamando a atenção por nada. Sei que eu não sou nenhum anjo, mas eu vivo levando bronca dela.

— Anjo, será que não é cisma sua? — Ele me olha quando para no semáforo.

— Pior que não, Edu. — Gabi intervém. — Todo mundo já tem reparado que ela gosta de atormentar a Mel.

— Você não fez nenhuma reclamação dela, amor? — Edu pergunta pegando na minha mão e fazendo carinho.

— E vai adiantar? Já tentei, mas ela é sobrinha ou afilhada, ou sei lá o que da dona da escola.

— Então ela tem as costas quentes — comenta.

— Tem sim. E outra coisa, é meu último ano, então eu vou aguentar ela mais um pouco, fazer o quê?

— Vai dar tudo certo, anjo — Edu garante. Ele solta as nossas mãos e coloca o carro em movimento novamente.

— Conta o resto logo, Mel — Gabi aconselha.

— O que houve? Tem mais alguma coisa que não me contou, Mel?

Preparo-me para contar sobre a minha desconfiança. Sei que pode ser coisa da minha cabeça, mas não posso arriscar sermos pegos.



Capítulo 16

MELISSA

— Sim. Estou preocupada, Edu. Giovanna está me perseguindo e tenho medo que ela descubra que a gente está junto e isso possa te prejudicar.

— O que ela fez?

— Eu estava saindo do banheiro e ela me encurralou, querendo saber onde eu estava.

O meu sangue ferve só de lembrar daquela zinha querendo se meter na minha vida.

— Você respondeu o quê?

— Eu falei que não era da conta dela. Ela me chamou de insolente.

— É melhor vocês tomarem cuidado com ela, Mel — Gabi adverte.

— Sim, é verdade, anjo. Concordo com a Gabi.

— Pois é. E isso só porque eu não fui para o intervalo — resmungo.

— Bom, gente, o papo está bom, mas não vejo a hora de chegar em casa — fala Gabi, mudando de assunto.

— Me passa seu endereço. Vou te deixar na porta de casa.

Aviso que vou ensinar o caminho, que não precisa colocar no GPS. Olho para trás e vejo a Gabi bocejar.

— Alguém vai pra cama naná — provoco.

— Eu vou, com certeza, já vocês... E só não te dou uma resposta atravessada porque seu namorado está aqui do lado, senão, minha filha — Gabi ameaça, fazendo o Edu soltar uma gargalhada gostosa. É maravilhoso ver ele assim bem à vontade com a minha melhor amiga.

— Fique à vontade, Gabi. Finjam que eu não estou aqui — Edu me provoca com um piscar de olho, safado.

— Quer dizer então que você deixa a Gabi me maltratar, amor? — pergunto, fazendo biquinho.

— Claro que não, amor — responde, dando uma piscada para a Gabi.

— Sei! — digo, dando risada da cara de pau deles. Edu estaciona o carro em frente à casa da Gabi.

— Está entregue, Gabi — diz.

— Obrigada pela carona, Edu. — Gabi agradece, dando um beijo em mim e nele.

— Pode parar, Gabi, ele é meu — aviso, ganhando um sorriso lindo dele.

— Edu, a hora que você cansar dessa menina, me procura, tá? — diz e sai correndo do carro.

—Você me paga, garota — grito pela janela.

— Pago nada, querida. Fui. Me liga mais tarde — grita, entrando em casa logo em seguida.

Fecho o vidro do carro e Edu está me olhando com aquela cara de riso.

— Quer dizer então que você vai me trocar, senhor Eduardo? — questiono num tom bem sensual.

— Imagina, eu só quero você — diz e me beija.

— Bom mesmo, hein. Sou ciumenta com o que é meu.

— Eu também, anjo. Eu também — fala e volta a colocar o carro em movimento.

Andamos pelo shopping e vamos direto para o cinema.

— Amor, vamos ver um filme de suspense?

— Você gosta desse tipo de filme, anjo? — pergunta, segurando minha mão. Sabe, como os casais de namorados fazem. Meu corpo se arrepia inteiro.

— Eu adoro, Edu. — Dou risada ao ver a expressão no rosto dele. — O que foi, amor?

— Estou surpreso porque a minha namorada gosta de filmes assim.

— Você não gosta?

— Sim, mas é difícil uma mulher gostar de filme de suspense.

— Ah, já sei. Você quer que aperte suas mãos, ou melhor, você quer que eu me agarre a você, como se estivesse morrendo de medo — zombo.

— Se bem que não seria nada mal se acontecesse — diz enquanto compramos os nossos ingressos. — Vamos pegar pipoca e refrigerante.

— Não seria nada o quê?

— Ora, anjo, você me agarrar enquanto a gente está assistindo ao filme. O que acha? — questiona, dando uma piscadela sensual.

— Você não tem jeito mesmo, hein — brinco e ele me abraça mais forte.

Munidos de pipoca, refrigerante e muita vontade de dar uns amassos,

vamos direto para a nossa sessão de cinema.

EDUARDO

Foi tão gostoso, eu nunca me diverti tanto no cinema do jeito que me diverti com o meu anjo. Pois é, a alegria que ela estava para assistir a um filme comigo foi ótima. O bom foi que as pessoas nos olhavam sem recriminações, era reconfortante isso. Assistimos ao filme sempre agarrados, nossas mãos unidas, alguns beijos roubados e cenas de filme perdidas.

— Mel, gostou do filme? — pergunto e acabo ganhando um beijo de leve.

— Sim, amor, foi muito bom, vou até assistir de novo! — fala e sacode as sobrancelhas.

— Você não tem jeito mesmo.

— Não mesmo, e você gosta de mim desse jeito, confessa? — diz e puxa meu lábio entre os seus dentes, provocando.

— Gostar é pouco, anjo. Eu te amo com loucura! — confesso, tomando sua boca em um longo beijo.

Passeamos mais um pouco pelo shopping, de mãos dadas, curtindo o nosso momento. Ela me puxa para uma livraria e começamos a ver os livros, a descobrir os gostos literários um do outro.

— Amor, você quer um livro?

— Não, Edu, não quero que gaste dinheiro comigo — justifica.

Mal sabe ela que eu lhe daria a Lua, se pudesse.

— Vamos lá, amor, escolhe um livro — peço e ela concorda.

Ela vasculha várias prateleiras até que vejo o seu sorriso se abrir ao pegar

um livro. Meu sorriso acompanha o seu, mas morre assim que vejo na capa um homem.

— Amor, que livro de homem é esse? — pergunto, desconfiado.

— Edu, é da autora Christina Lauren, eu quero esse livro faz tempo. As meninas me falaram que é muito bom — explica.

Bom, não tem mais jeito. Vejo o quanto ela está feliz, e pago logo a compra. Saímos da livraria e seguimos para o estacionamento. Entramos no carro e logo estamos nas ruas da cidade. Melissa está quieta. Olho e vejo que está lendo.

— Anjo, acorda.

— Ahn?

— Amor, você estava distraída, era como se você estivesse sonhando — reclamo.

— Não acredito! — exclama.

— Você não acredita no quê? — pergunto, confuso.

— Você está com ciúmes de um livro? — questiona, como se estivesse me achando engraçado.

— Imagina... eu... Eduardo Santana... com ciúmes de um simples livro — resmungo.

— Claro que está. Bobo. Mas deixa eu te dizer uma coisa, eu amo você, homem de Deus!

Meu coração transborda de alegria ao ouvir essas palavras.

— É? — pergunto só para confirmar, e ela balança a cabeça enquanto morde o lábio. — É que você estava tão compenetrada, que fiquei mesmo com ciúmes — acabo confessando.

— Ai que lindo, amor, com ciúmes de um livro. — Ela fica debochando da minha cara. E o pior é que ela tem razão.



Capítulo 17

EDUARDO

Minha vontade é de ver o meu anjo diabinho. Nossos beijos não saem da minha cabeça, sentir as mãos dela em meu corpo me deixou louco. Quantas punhetas eu já bati essa semana só de lembrar da boca dela em volta do meu pau. Ele é o meu afrodisíaco. Faz uma semana que fomos ao cinema. Uma semana que não a tenho só para mim, sem preocupações.

Mas Giovanna tem me cercado. Ela está em todos os lugares que estou, me seguindo, puxando papo, se jogando para cima de mim. Tenho medo de ela nos ver juntos e estou preocupado com isso.

Meu celular toca e atendo rapidamente.

— Oi, amor.

— *Oi, gostosão, está ocupado?* — pergunta, amorosa.

— Pra você, nunca, anjo.

— *Edu, tô com saudades de você* — diz, tristonha.

— Eu também, meu anjo. Sinto sua falta, o problema é que sempre que eu tento te ver, tem gente que fica no nosso pé.

— *Eu vi e não estou gostando dessa história daquela bruxa ficar atrás de você* — comenta, incomodada.

— Mel, eu não quero nada com ela, você sabe disso — me defendo.

— *Eu sei disso, amor, mas não quero ela atrás de você, poxa* — diz, cansada. — *Ela está parecendo a sua sombra* — reclama.

— Você tem toda a razão de ficar desse jeito — concordo.

Entendo que ela está com ciúme de ver alguémm atrás de mim. Eu ficaria também, se fosse com ela.

— *Aonde você está?*

— Estou em casa. Por que você não vem pra cá? — sugiro, torcendo para que ela aceite.

— *Não vai ter problema, Edu?* — pergunta, receosa.

— Claro que não. Só acho que logo, logo eu vou precisar falar com a sua mãe sobre a gente.

— *Edu, falta pouco. Vamos esperar o ano letivo acabar.*

— Tudo bem, anjo. Em breve é seu aniversário, você vai ser maior de idade e ninguém vai atrapalhar a nossa relação.

— *Eu sei, Edu. Vou me arrumar pra ir pra sua casa.*

— É melhor eu te ir buscar. anjo.

— *Edu, e se aquela louca estiver nos seguindo?*

Nem quero pensar nessa possibilidade.

— Espero que não, mas vamos ter que nos arriscar. Estou com saudades de te beijar.

— *Saudades? Mas ontem você me beijou!* — brinca, me fazendo dar

risada.

— SÉrio? Eu não me lembro de nada.

— *Hum, senhor desmemoriado, logo vou fazer você se lembrar de tudo!* —
provoca.

— Vou esperar ansiosamente. Me passa seu endereço que vou te buscar, nada de ficar andando por aí, sozinha — ordeno e ela me passa o endereço. Não é muito longe de onde deixei a Gabriela. — Anjo, vai se arrumando e a gente se encontra na porta da sua casa.

— *E se me virem entrando no seu carro?*

— Calma, o meu carro é bem popular, é só dizer que eu sou seu amigo ou até mesmo seu namorado.

— *Hum... Namorado, é?*

— Sim, seu namorado. Vai lá se arrumar que daqui a meia hora estou aí.

— *Te espero, gostosão.*

— Amo você — declaro, me sentindo o cara mais sortudo por ter ela ao meu lado.

— *Eu também amo você.*

Nos despedimos e dou olhada pela casa, para ver se está tudo em ordem. Bolinha me segue por todos os cantos, ganhando alguns afagos. E ainda bem que está tudo limpo. Quero aproveitar o sábado para ficar com o meu anjo.

Sei que a mãe dela é enfermeira e trabalha loucamente para poder dar um certo conforto para a Melissa. E esse fim de semana ela estará de plantão.

Subo novamente para o meu quarto, tomo um banho rápido, coloco um short jeans e uma camiseta regata, fazendo meus músculos ficarem à mostra. Borrifo um pouco do meu perfume favorito, me olho no espelho e estou pronto.

Pouco tempo depois, estaciono o carro em frente à sua casa, mas Melissa não está me esperando. Olho e vejo que sua casa não é de alto padrão. É simples e parece ser aconchegante.

Não demora muito e ela aparece na porta com um vestido florido, linda. Os cabelos estão presos naquele coque que tanto tenho prazer em desfazer. Acho que ela faz isso de propósito. Dou uma buzinação e ela abre um sorriso maravilhoso assim que me vê. E eu? Fico sorrindo como um idiota.

Meu anjo corre em minha direção e seu vestido sobe um pouco, mostrando suas lindas pernas. É a primeira vez que a vejo de vestido, na escola ela só usa calça jeans. Destravo a porta do passageiro e ela entra, ofegante. Ela mal acaba de fechar a porta e eu a puxo para o meu colo, atacando sua boca sem aviso.

Ela corresponde ao meu beijo e aprofundo mais ainda, minha mão apertando sua coxa enquanto as suas se enfiam em meus cabelos. A nossa sorte é que todos os vidros do carro têm insulfilm, o que nos dá uma certa privacidade.

— Que saudade dos seus beijos — fala ao se desgrudar da minha boca.

— Sim, anjo. Tenho saudade do seu cheiro — digo, enfiando meu nariz em seu pescoço, inalando seu perfume. Sinto seu corpo todo se arrepiar com o gesto.

Melissa se ajeita em meu colo, roçando no meu pau. Passo a mão pelo seu joelho, suas coxas e entro por baixo do vestido, enquanto espalho beijos pelo seu pescoço e ela joga a cabeça para trás. A pele macia sob meu toque desperta a luxúria em mim.

— Edu, alguém pode nos ver. — Sua frase sai mais como um gemido do que uma advertência.

— Calma, meu anjo, ninguém vai nos ver. Mas é melhor sairmos daqui, antes que fiquemos tempos demais parados aqui — digo enquanto uma das minhas mãos trabalha apertando as carnes de suas pernas. A outra a segura firme pela cintura.

— É melhor mesmo — concorda, mole em meus braços.

— Mas, antes, quero sentir você mais um pouco.

— Como?

— Assim.

Seguro mais forte em sua cintura e a movimento enquanto jogo meu quadril para cima, criando a fricção perfeita. Melissa arfa e solta um gemido.

— Aí, meu Deus! Que gostoso! — geme em meu ouvido.

— Eu sei que é gostoso, meu anjo. Sente como meu pau está feliz de ter a sua bocetinha se esfregando nele. Continua assim — peço e ela me agarra, passando a se esfregar mais sensualmente.

— Por favor, Edu, mais um pouco. — Implora.

Minha mão sobe para o meio de suas pernas e afasta a calcinha. Toco sua carne e ela se assusta. Tenho medo de machucá-la, então só circulo o clitóris com meu dedo, ela está encharcada e sei que está prestes a gozar.

— Meu Deus, isso é muito bom! — diz entre os gemidos. — Que delícia... isso, mais forte.

Não consigo conter um gemido só de tê-la entregue a mim. Sinto seu corpo retesar e sei que ela está pronta.

— Anjo, olha para mim — peço e ela me olha, desesperada. — Você está quase gozando. Quero que você morda meu ombro e se agarre mais a mim quando perceber que vai perder o controle, ok?

— Edu, me ajuda eu não sei o que fazer com tudo isso que estou sentindo — diz, com os olhos cheios de lágrimas.

— Calma, você só está tendo prazer comigo, faz o que te falei — digo e ela concorda, mordendo o lábio.

Passo o dedo freneticamente sobre o seu clitóris e aponto outro dedo em sua entrada, mas não o suficiente para romper o hímem. Eu jamais a faria perder a virgindade dentro de um carro. Seus gemidos aumentam e estou mais duro do que nunca estive. Ela é a visão do paraíso. Do meu paraíso. Suas bochechas

estão vermelhas, o cabelo bagunçado, a boca entreaberta e seu olhar vidrado no meu. Os gemidos que saem de sua boca são os sons mais deliciosos que já ouvi. É a porra da cena mais linda.

Acelero os movimentos em seu clitóris e ela morde meu ombro, gemendo abafado contra ele. Seu corpo convulsiona e a seguro firme no lugar. Seus gemidos saem quase como um choro baixinho. A dor em meu ombro comprova que ela teve um orgasmo maravilhoso. Preciso dela em minha cama, em nossa cama. Ela se acalma e me olha com os olhos cheios de lágrimas.

— Anjo, me desculpa se eu te machuquei — peço, desesperado.

— Eu amei tudo! Eu nem sabia que se podia sentir um orgasmo tão maravilhoso assim — diz com um sorriso lindo.

— Então não te machuquei?

— Não, você nunca iria me machucar — afirma, fazendo um carinho no meu rosto e logo em seguida me beijando.

— Nunca vou te machucar, meu anjo. Prefiro morrer do que fazer isso — declaro. — Vamos pra minha casa, estamos aqui há muito tempo já.

— Sim, vamos.

Ajudo ela a voltar para o banco do passageiro e coloco o cinto de segurança nela, a beijo mais uma vez e seguimos para a minha casa.



MELISSA

Todo o caminho rimos como dois bobos. Nem acredito que ser tocada poderia ser tão bom assim. E o orgasmo então? Parecia que minha alma ia sair do meu corpo. Edu estaciona em uma bela casa, o que me deixa surpresa. Ele desliga o carro e faz um sinal para que eu espere. Ele desce, dá a volta no carro, abre a porta e estende a mão para me ajudar a sair. Assim que desço, sou envolvida em seu abraço e uma emoção sem igual toma conta de mim. Eu o amo tanto que chega a doer.

Ele nos conduz para dentro de sua casa e fica quieto, deixando que eu explore o lugar enquanto ele me olha. A casa é grande, espaçosa e bem organizada. Claro que como a casa de qualquer homem solteiro, não tem muitos toques femininos. Reparo apenas algumas coisas e penso que seja se alguma ex dele.

— Você está quieta demais. O que está se passando nessa cabecinha? — questiona, preocupado.

— Hummm... Essas coisas femininas, você comprou ou...

— Não comprei, não entendo nada dessas coisas de mulher mesmo — diz antes mesmo que eu termine minha frase.

— Então, hum... quem comprou? — pergunto, desconfiada.

— Não acredito que você, dona Melissa, a mulher que eu amo, está pensando que é de alguma ex minha? — indaga, achando graça.

— Bom... sim — comento, meio sem graça.

— Pode ficar tranquila, amor. As únicas mulheres que entram aqui dentro dessa casa são a minha mãe e você.

— Bom mesmo, Edu! — advirto e ele ri.

— Você quer conhecer a casa toda?

— Claro que sim!

Seguimos por um corredor aonde ele me mostra a cozinha, a lavanderia, o quintal.

— Gostou do que viu? — pergunta, ansioso.

— Amei sua casa! — respondo, sincera.

— Agora, o principal ainda você não conheceu — brinca, fazendo ar de suspense.

— Hum... Qual seria essa parte principal que você está querendo que eu conheça? — Faço-me de desentendida.

Edu me pega no colo e solto um gritinho de surpresa.

— O principal é o meu quarto, ou melhor, o nosso quarto.

Sinto meu rosto esquentar só de ouvir essas simples palavras que ele disse em meu ouvido e começa a beijar minha orelha, me fazendo gemer de desejo. Ele sobe as escadas comigo em seu colo e entramos em seu quarto.

Edu me coloca no chão e olha bem dentro dos meus olhos. Nossas respirações estão aceleradas.

— Mel, se você não quiser, é só falar. Eu não vou te obrigar a nada.

— Eu sei, amor. Mas o que mais quero é me entregar a você — afirmo com toda a convicção. Faço um carinho no rosto dele e tenho a certeza de que não vou me arrepender de nada.

Voltamos a nos beijar e minhas mãos agem sozinhas, como se soubessem o que fazer. Tiro a camiseta dele, fazendo desnudar o maravilhoso e forte peito. Ele pega a barra do meu vestido e me olha mais uma vez, pedindo permissão. Apenas levanto os braços para que ele o tire. Edu me olha com admiração e me sinto a mulher mais linda do mundo. Sinto meu corpo ser levantado novamente e logo em seguida sinto minhas costas encostando no colchão, com delicadeza.

Nossos beijos aumentam e gememos lascivamente. Minhas mãos percorrem suas costas, arranhando a pele e me deixando molhada.

— Anjo, que delícia sentir você desse jeito comigo.

Empurro ele para que eu fique por cima. Ele me olha surpreso com a minha ousadia. Dou um sorriso e passo a língua por seu pescoço enquanto escuto seus gemidos e sinto suas mãos apertando a minha bunda.

Sei que agora não tem mais volta. Serei dele por completa.

Ele percebe que estou quieta.

— Amor, quer desistir? — pergunta, e vejo em seu olhar o quanto quer eu não desista.

Só estou com medo. É a minha primeira vez. Mas a única certeza que tenho é que quero ser dele. Agora.

— Eu não quero desistir, quero ser sua — respondo, a voz rouca de tesão.

— Minha você já é desde o primeiro momento que te vi entrando naquela sala de aula — declara, passando uma das mãos em meu rosto.

— Eu me apaixonei por você desde o primeiro momento que te vi, meu professor.

Ao ouvir isso, ele me vira de novo, ficando em cima de mim novamente.

— Pronta, meu anjo? — pergunta, querendo ter certeza.

— Pronta — afirmo, com toda a segurança que nem pensava que eu sentia.

— Agora é a nossa hora, amor — Edu avisa, olhando para mim e me beija novamente.

Os carinhos aos poucos vão aumentando e meu corpo se aquece novamente. Edu separa as minhas pernas e se posiciona entre elas, olhando para a minha intimidade com desejo. Seu corpo desce sobre o meu e sinto a cabeça do seu pau forçando a minha entrada. Ele começa a me penetrar bem devagar e respido fundo, descompassado. Sentindo uma emoção que me abala completamente. Ele força mais a passagem e fecho os olhos.

— Amor, tudo bem? — Edu pergunta preocupado.

— Sim. Sim. Estou me sentindo ótima.

Ele retira um pouco e volta devagar, forçando cada vez mais a entrada. Edu faz isso várias vezes e sinto que não é o suficiente. Eu quero mais. Meu corpo pede por mais. Percebo que ele está se segurando, uma gota de suor escorrendo pela testa e o maxilar travado me dão pistas disso. Acho que está com medo de me machucar. Decido acabar logo com isso. Passo as minhas pernas por suas costas e as travo. Seguro o seu rosto para que ele me olhe.

— Agora, Edu. — Imploro. Ele me olha e fica parado. — Agora — ordeno e ele entra com tudo dentro de mim, me fazendo gritar de dor e perder o ar. Ele se desespera e tenta sair de dentro de mim. — Não sai — peço, já me acostumando com a dor.

— Meu anjo, eu te machuquei?

— Você nunca me machucaria, amor. — Beijo seus lábios de leve.

— Tem certeza que não te machuquei?

— Absoluta! — confirmo. Ele tenta sair de cima de mim, mas não

permito. Mexo o quadril e é o suficiente para que seu olhar trasmita um desejo cru.

Ele começa a se movimentar devagar, saindo quase completamente e voltando a entrar em mim até me roubar o ar. Meu corpo vai se acostumando com suas investidas e correspondendo a elas, como se fosse treinado para isso. Jogo a cabeça para trás e ele aumenta o ritmo.

— Olha pra mim, meu anjo. Quero ver sua carinha ao gozar com meu pau dentro de você.

Suas palavras atijam meu corpo todo. Sinto que logo vou perder os sentidos. Mais alguns movimentos e meu grito reverbera pelo quarto. As lágrimas de felicidade rolam sem querer pelo meu rosto. Meu corpo convulsiona e Edu urra de prazer logo em seguida. Ele sai de dentro de mim com cuidado, causando uma ardência. Deita de costas e me puxa para si.

— Você está tão quieta, amor — comenta, fazendo um carinho em meus cabelos.

— Estou pensando em como aqui está perfeito.

— Também acho.

— Edu?

— Hum...

— Estou um pouco preocupada — confesso meu receio.

— Com o que, amor?

— Com a Giovanna.

— O que tem ela, anjo? — pergunta, curioso.

— Tenho medo de ela descobrir sobre a gente e querer fazer alguma coisa para nos separar. Eu não quero perder isso — digo, engolindo o choro, mas ele percebe.

— Anjo, olha para mim — pede e levanto a cabeça. — Nada e nem ninguém nunca vai nos separar. Está entendendo?

— Edu, eu conheço a Giovanna, ela é ardilosa.

— Calma, Mel, vai dar tudo certo! — diz, com convicção. — Sinceramente, eu não sei o que ela quer de mim.

— Edu, ela quer você.

— Nunca a procurei, anjo.

— Eu sei que não. Mas, mesmo assim, não a quero perto de você.

— Amor, eu vou fazer de tudo para não chegar perto dela, mas vou logo te avisando, ela é chata pra dedéu, fica toda hora atrás de mim e isso não dá certo não.

— Eu que diga.

— Gostaria que você dormisse pudesse dormir aqui.

— Eu também, Edu, mas não posso — respondo, com tristeza.

— Sua mãe não está de plantão?

— Sim, ela está — afirmo.

— Então, você poderia dormir comigo — sugere, todo alegre.

— Edu, como posso dormir aqui sendo que quando ela chega sempre vai direto no meu quarto me ver?

— É só você dizer que vai dormir na casa da Gabi.

— Sem chance.

— Por quê? — pergunta, confuso.

— Minha mãe e a mãe da Gabi são melhores amigas — digo, deixando

sair um suspiro de tristeza.

— Então não vai dar — conclui, também triste.

— Vamos ter que continuar assim mesmo, nos vendo na escola e quando eu puder vir aqui.

— Então, que tal aproveitarmos mais um pouco? — pergunta. Sua mão passa pela lateral do meu corpo, descendo até a minha bunda.

— Demorou — respondo e ele ri.

Sou virada de novo e me entrego novamente. Na hora que ele me penetra, sinto um pouco de desconforto, mas nada se compara ao desejo e prazer que ele me proporciona. Logo encontramos o êxtase e me sinto completa nos braços dele.



Capítulo 19

Alguns meses depois

MELISSA

Ando para lá e para cá. Algumas coisas têm me deixado estressada, mas a principal delas é a vaca da professora Giovanna.

A mulher é louca, vive pegando no meu pé por besteira e por causa dela eu poderei ficar com notas baixas logo agora no final do ano letivo. Fora isso, tudo está maravilhoso com meu namorado.

E agora eu estou aqui esperando falar com a minha Elisa. Minha mãe está trabalhando direto e não temos tido muito tempo juntas. Ouço o barulho da porta se abrindo e logo minha mãe entra. Tão linda.

Ela é uma morena de cabelos negros, e é claro que herdei toda a genética do meu pai. Mas ela não gosta de comentar não sobre ele, e respeito.

— Oi, filha, tudo bem? — pergunta, vindo me dar um beijo.

— Ah, sim. E o trabalho, como foi?

— Terrível, mas gosto de lá — diz, dando risada. Eu sei que ela ama a sua profissão.

— Eu sei disso. Por que não vai tomar um banho pra relaxar e depois vamos jantar. Já deixei tudo preparado.

— Ah, você é uma filha maravilhosa — diz, com carinho. Ela deposita outro beijo na minha testa e me abraça. — Já venho, pra você me contar o que está te deixando tão preocupada.

— Está tão evidente?

— Sim. E te conheço muito bem, minha filha.

— É verdade. Vai lá tomar um banho que tenho te contar uma coisa. — Gaguejo, ficando vermelha.

— Hum... Que tal você me contar agora? — insiste.

— Mãe, fica em paz, não tem ninguém doente — brinco, tentando aliviar o clima.

— Ok, eu já volto! — diz e vai para o quarto.

E enquanto ela não vem, fico tentando controlar a minha ansiedade e não demora muito a minha mãe aparece com pijamas de ursinho e dou uma pequena risada.

— Ei, do que você está rindo? — pergunta, curiosa.

— Nada não, mãe, senta aqui perto de mim. — Desconverso.

De vez em quando ela parece uma menina. Ela adora roupas com todos os tipos de tema e, sinceramente, ficam bem nela.

— Então, Mel, o que houve?

— Mãe, tem algo que a senhora precisa saber — falo, tentando conter o bolo que se formou em minha garganta.

— Sim, isso já entendi.

— Não sei por onde começar.

— Vamos, filha, me conta logo — ordena, ficando impaciente.

— Bom, então, lá vai. — Respiro fundo e solto uma longa lufada de ar. — Eu estou namorando e ele é meu professor.

Ela fica em silêncio e me olha como se estivesse em choque, não, ela definitivamente está em choque. E isso me deixa apavorada.

— Droga, mãe. Fala algo!

— Mel, minha filha, há quanto tempo vocês estão juntos? — pergunta, por fim, com uma calma impressionante.

— Hum... Alguns meses e ele quer me assumir como namorada dele.

— Mel, não acredito nisso. Ele é um homem bem mais velho — pondera.

— Eu sei que ele é. Só que eu não sou mais criança — rebato, deixando bem claro.

— E ele é o seu professor — argumenta, ainda preocupada.

— Sim, é verdade. Mas as aulas estão acabando e ele vai deixar de ser meu professor.

Ela me analisa por um tempo, percebendo cada traço meu.

— Você o ama?

— Sim, muito! — respondo, sem pestanejar. — Eu sei que sou muito nova e também estou prestes a fazer dezoito anos, mas queria que você soubesse que nós nos amamos e queremos ficar juntos.

Minha mãe abaixa a cabeça e coloca os dedos nas têmporas, massageando-as por uns instantes. Ela sacode a cabeça, solta um longo suspiro e volta a me olhar.

— Filha, você tem que ter certeza. Relacionamento é algo bem sério.

— Eu sei, mãe. Por isso queremos a sua bênção — afirmo.

— Mel, é claro que vou te abençoar, só quero conhecer ele antes.

— Claro que sim, mãe! Ele até queria vir aqui falar com a senhora, eu que não deixei.

— Então marca com ele, eu quero conhecê-lo.

— Eu vou marcar.

— Você tem mais alguma coisa pra me contar?

— Hum, acho que não — respondo, mas lembro da Giovanna, a vaca. — Ah, mãe, lembrei que tenho que te contar mais uma coisa.

— Vamos lá, desembucha.

— Bom, tem uma pessoa que está desconfiada do meu namoro.

Conto para ela tudo sobre a vaca, toda a perseguição desde o começo e como ela está em cima do meu namorado, cercando, tentando descobrir alguma coisa.

— Filha, escuta o que vou te dizer, acho melhor vocês darem um tempo nesse namoro — aconselha.

— Mas, mãe, nós quase não estamos conseguindo nos encontrar. Sempre tem alguém rondando ou querendo atrapalhar. Nos falamos mais por vídeo e mensagem.

— Espera terminar as aulas primeiro, porque a sua professora já te odeia e também anda meio desconfiada e pode fazer com que ele perca o emprego.

— Ok, mãe. Pode deixar. Só faltam poucos dias para o fim as aulas. Quem esperou até hoje, aguenta mais um pouco, não?

— Isso mesmo, filha!

— Mãe, a senhora não brigou porque eu me apaixonei por um professor —

afirmo, curiosa.

— Filha, toda aluna tem uma queda pelo seu professor e essa queda pode ser amor também — justifica.

— Então... sem problemas eu namorar com ele?

— Sem problemas, mas acho melhor vocês dois continuarem esse relacionamento depois que as aulas acabarem. E seu aniversário já está chegando. Que tal fazermos uma festa e você o convida?

— Eu vou sim. E, mãe, muito obrigada pelo seu apoio. — Agradeço e a beijo.



Capítulo 20

Três semanas depois...

EDUARDO

Estou uma pilha de nervos. Fico olhando no espelho vendo se está exagerada, ou não, a minha roupa. Hoje é a festa de aniversário da Melissa e vou conhecer a minha sogra. O celular apita, indicando nova mensagem.

Oi, amor. E aí... nervoso?

Leio e dou risada. É claro que estou, é a primeira vez que vou conhecer minha sogra. Nunca conheci as mães das minhas antigas ficantes. Nunca tive um namoro ou caso que quisesse levar adiante como quero com a minha Mel.

Ei, gostosão, o que houve? Algum problema?

Mais uma mensagem chega e resolvo tranquilizá-la.

Estou bem. Nervoso, mas vivo. Logo chego aí

Eu amo você

Essa simples frase faz meu coração bombear mais rápido.

Eu também te amo, meu anjo

Vem logo, estou morrendo de saudades de você!

Faz dias que a gente não se vê. Graças a Deus as aulas terminaram e nos livramos da Giovanna. Lembro bem do jeito dela no último dia de aula. Já fazia alguns dias que ela estava mais em cima de mim do que nunca. Chegou até a perguntar se eu irir viajar nas férias e respondi que ainda não sabia.

Eu estava na sala dos professores e tínhamos a última reunião com os colegas, antes de atender os pais. Giovanna chegou logo e sentou ao meu lado. Apenas a cumprimentei, seco, e continuei com minhas anotações. Tomei um belo susto quando a Giovanna começou a passar a mão em minha coxa e, sem esperar, segurei sua mão com força e a retirei do meu colo.

— Nossa, Edu, você ainda não percebeu que eu gosto de você? Você não me quer? — questionou, fazendo beicinho e fechei a cara.

— Sinceramente, não! — respondi, franco.

— Credo, Edu. Eu sou a mulher perfeita, que vai satisfazer as suas fantasias.

Olhei para ela e não senti nenhuma emoção perto dela. Não senti nenhum tesão e muito menos amor, e isso eu só sinto pela minha namorada.

— Giovanna, eu tenho namorada — avisei.

— Sério? — disse, surpresa. — Eu a conheço? — perguntou, curiosa.

— Não! — respondi, firme.

— E o namoro de vocês é sério?

— Sim, eu pretendo me casar com ela — afirmei.

— Você é muito novo pra casar.

— Não me considero novo. — Torci para que alguém aparecesse logo. — Acho que está na hora de casar e constituir família.

— E eu pensando que você estava interessado naquela sem sal da Melissa — disse, em tom de ironia.

— Giovanna, Melissa é minha aluna — alertei.

— Eu sei disso! E também sei que ela está apaixonada por você — comentou.

— E normal as alunas gostarem do seu professor — expliquei, naturalmente.

— Então, quando você não quiser mais ficar com a sua namorada, pode me procurar que eu vou cuidar muito bem de você em minha cama.

— Ah, obrigado por avisar, mas eu amo a minha namorada e sou fiel a ela — respondi, dando graças a Deus ao ver alguns colegas entrando na sala. Ela se ajeitou melhor e cumprimentou a todos com um sorriso falso.

— Nem todos os homens são fieis — cochichou.

— Nisso eu concordo, só que eu faço parte dos que são — declarei, dando a conversa por encerrada.

Logo após a reunião com os pais, me senti livre para amar sem medo a minha menina. Eu não sou mais o seu professor.

Pego a caixinha e coloco no bolso da minha calça. Respiro fundo e sigo para a casa da minha namorada.

Estaciono o carro em frente à sua casa e me olho no retrovisor. Minha testa apresenta algumas gotas de suor, mesmo com o ar-condicionado ligado. Respiro fundo várias vezes, para controlar o nervoso. Desço do carro, tranco a porta e olho para a entrada da casa com o coração quase saindo pela boca. Toco a campainha e rapidamente a minha Mel a abre.

— Oi, amor, está atrasado — brinca e me dá um beijo de leve.

— Desculpa a demora. Está muito cheia a casa? — pergunto, curioso.

— Não — diz e ri da minha cara de nervoso.

— Ufa! — Solto e a puxo para um longo beijo.

— Vamos entrar.

Puxo-a para os meus braços e entramos abraçados. A casa é como eu pensava, simples e aconchegante.

Escuto a Mel chamando sua mãe e logo vejo uma morena linda apontar no corredor. Meu amor teve a quem puxar. Melissa nos apresenta e eu a cumprimento com a mão suada. Elisa ri do meu nervosismo.

— Oi, professor! — Gabriela entra entusiasmada na sala, me cumprimentando.

— Já disse que nada disso de professor, Gabi. E agora nem mais seu professor eu sou — brinco e ela da risada.

Todos nos envolvemos em um papo gostoso. Elisa faz várias perguntas, é claro. Eu entendo que ela quer saber tudo sobre o homem bem mais velho que roubou o coração de sua menina. A mãe da Gabriela também quer saber algumas coisas, e fico feliz ao ver que meu anjo está cercado de pessoas que a amam.

Cantamos parabéns e ela apagou as velinhas que estavam marcando 18 em cima do bolo. Em seguida, ela me olhou e pisquei para ela. Mel abriu um sorriso maravilhoso, sabia que agora nada iria nos impedir. Comemos o bolo que, por sinal, estava divino e o papo começou novamente.

— Peço um minuto da atenção de vocês! Elisa, gostaria de saber se você me concede a mão da Melissa em casamento.

— Casamento? — Mel me olha chocada e lágrimas começam a rolar pelo seu lindo rosto.

— Sim, meu amor — afirmo, olhando para ela e secando as lágrimas que teimam em cair.

— Tem certeza, Edu? — pergunta, com receio.

— Sim, absoluta. Se você quiser, não precisamos nos casar agora — respondo rápido, com medo de que ela ache que é muito nova para casar.

— Eu aceito — diz, abrindo o sorriso mais lindo que já vi.

— Mas você nem ouviram a minha resposta. A pergunta foi para mim, mocinha — Elisa informa e meu coração perde uma batida.

— Pode falar, Elisa, quero ouvir a sua resposta.

— Edu, posso te chamar assim, não? — questiona e concordo com um aceno, enquanto aperto mais a mão da Mel. — Edu, me promete que você vai amar e proteger a minha filha? — pede, com sinceridade.

— Eu prometo proteger ela com a minha vida, Elisa — declaro, com sinceridade.

— Então eu abençoo a união de vocês.

Viro para a Melissa e nós dois temos lágrimas nos olhos. Tiro a caixinha do meu bolso e ajoelho.

— Mel, meu amor, você aceita ser minha esposa?

— Sim. Para sempre.

Coloco a aliança no dedo dela, levanto e a puxo para um beijo. Ela se atrapalha na hora de colocar a minha aliança e todos riem. A noite segue tranquila e feliz. Estão todos radiantes.

Melissa pega a minha mão e me leva até a varanda.

— Eu também prometo te proteger com a minha vida — diz e nos beijamos longamente.

— Droga, amor, como eu queria que você dormisse comigo — comento, já sentindo meu pau endurecer.

— Eu também, mas hoje não vai dar — diz e concordo.

— Em breve vamos dormir juntinhos.

— Sim, agora nada nos impede. Graças a Deus eu não sou mais sua aluna.

— Ao contrário, meu amor, você sempre será a minha aluna — afirmo, puxando seu lábio inferior e lambendo em seguida.

— E você sempre vai ser o meu professor delícia — geme e a beijo.



Capítulo 21

MELISSA

Às vezes não acredito que estou noiva do homem mais importante da minha vida. Tudo está correndo muito bem, graças a Deus. Estamos de férias e curtindo cada momento juntos. Decidi prestar vestibular para pedagogia e o meu professor delícia irá me ajudar com algumas coisas que tenho dificuldade.

Minha mãe me levou a uma consulta com o ginecologista para ver se estava tudo bem eu continuar com o mesmo anticoncepcional. Não queremos uma gravidez, pelo menos por enquanto.

O único problema que tivemos foi a Giovanna. Ela ficou sabendo que estamos juntos e apareceu na minha casa, foi horrível. Lembro que ouvi um vidro da janela da sala se quebrando e muita gritaria no portão, palavrões e xingamentos. Assim que abri a porta para ver o que realmente estava acontecendo, vi uma Giovanna bem diferente. Toda desarrumada, com os cabelos desgrehados, totalmente descontrolada.

— *Então quer dizer que você que é a putinha que está dormindo com o meu Eduardo?* — *desdenhou, cuspindo no chão.*

Agora essa filha da puta vai me pagar.

— *Como vai, Giovanna?* — *Cumprimentei com ironia.*

— Eu deveria ter imaginado que era você que vivia se esfregando no MEU HOMEM! — disse, me ignorando.

— Sabe o que é mais engraçado? — perguntei, ao ver seu olhar de desprezo.

— Não, mas você com certeza vai falar... é uma insolente mesmo — ironizou.

— Essa putinha aqui, como você mesma me chamou, fispou um belo professor e é por isso que você está morrendo de inveja, não? — provoqueei. — Você não consegue admitir que foi derrotada por uma adolescente. Não consegue engolir que aquela que mais odiava conquistou o homem que você queria.

— Você acha que o relacionamento de vocês vai durar? — disse, triunfante.

— Sim, tenho certeza absoluta que vai, a aliança em minha mão diz isso e todas as vezes que fazemos amor é a mim que ele se declara. E não vai ser você que vai agourar o meu relacionamento — disse e bati a porta em sua cara.

Ela continuou me xingando, gritando como uma louca que eu era uma puta que tinha roubado o seu homem.

— Polícia militar, em que podemos ajudar? — Ouvi a voz do policial e relatei tudo o que estava acontecendo.

A polícia chegou e a louca ainda gritava em frente ao meu portão. Vários vizinhos já estavam fora de suas casas vendo o espetáculo. Um B.O. foi aberto e uma medida de restrição foi feita. Liguei para a Gabi e avisei o que estava acontecendo.

Comecei a recolher os cacos e ajeitar a bagunça que aquela vaca tinha feito, quando a Gabi chegou toda esbaforida.

— Puta merda, amiga.

— Pois é, entra e toma cuidado.

— Você avisou o Edu?

— Não, ele foi à casa da mãe dele e não liguei para não preocupar.

— Mel, você tem que contar pra ele, urgentemente — alertou.

— Sim, eu vou contar pra ele, fica tranquila.

— E aí, como você está depois de tudo.

— Bem, eu vou ficar bem.

— Sim, você vai. Acho que estou apaixonada — disse, brincando.

E percebi que, apesar de ser verdade o que ela dizia, estava fazendo isso para me distrair. E eu estava precisando disso.

— Isso eu não duvido.

— Quem diria que a dona Melissa iria se apaixonar por um professor, hein — zombou.

— Verdade. Agora vem a faculdade e quem sabe um casamento em breve.

— Pelo Edu vocês já estavam casados. — Ela riu e sabia que era verdade.

— Sim, ele disse que quer fazer no meu tempo.

— Que tal depois de ajeitarmos toda essa bagunça, você ligar contando tudo para o seu noivo e nós irmos olhar alguns vestidos de noiva, só para distrair.

— Hummm... acho que vai ser divertido.

Alguns meses depois...

EDUARDO

— Que merda, Eduardo, para de ficar andando de um lado para outro — resmunga meu amigo Lucas.

— Vá à merda — retruco.

— Meu Deus, homem. Se acalma, ou daqui a pouco você vai abrir um buraco na igreja — brinca e o fuzilo com o olhar.

— Estou muito nervoso. Será que aconteceu algo? Será que ela desistiu?

— Claro que não. Acha que ela vai desistir? Você não sabe o quanto aquela menina te ama? — questiona e apenas aceno com a cabeça. — Então trate de se acalmar. Os convidados já estão achando que você vai acabar tendo um treco de tanto que está andando.

Olho novamente para a pequena igreja onde os poucos convidados estão sentados. Nossas famílias e amigos mais preciosos estão participando desse dia especial. Olho para o lado e vejo minha mãe secando os olhos com um lençinho.

— Está tudo bem, mãe — pergunto, preocupado.

— Claro, meu filho. Estou muito feliz que enfim você encontrou a sua alma gêmea — diz, emocionada.

Envolvo ela em meu abraço, a apertando entre os meus braços.

— É verdade, mãe. A senhora sempre esteve certa.

— Toda mãe acerta nas coisas. E quero netos logo — brinca e damos risada.

— A Mel também quer, só que mais pra frente — comento.

— Sim, meu filho, só que acho que não vai demorar muito, não — diz, fazendo ar de mistério. — Olha lá, estão avisando que a sua alma gêmea chegou.

Volto para o meu lugar e viro para a porta da igreja. Meu coração dispara

quando a porta se abre e vejo como Melissa está linda, como um anjo. O meu anjo. Ela está de braços dados com a Elisa. Nossos olhares se encontram e lágrimas rolam pelos nossos rostos.

— Edu, estou entregando o meu anjo para você amá-la e protegê-la — diz Elisa, assim que me entrega Melissa.

— E eu, perante Deus e vocês, prometo que vou cumprir a minha promessa.



Cinco anos depois

MELISSA

Nesses últimos cinco anos, eu fui a mulher mais feliz do mundo. Casei com o amor da minha vida e não muito tempo depois, engravidei. Nossa anjinha se chama Rubi e nunca me senti tão completa como estou agora.

Sinto os braços do meu professor em minha cintura, encosto a cabeça em seu peito e ficamos velando o sono da nossa menina.

— Ela é linda, não é? — diz, baixinho.

— Sim, ela é perfeita. E agradeço a Deus por todos esses anos que estamos juntos. — Viro para ele e o beijo.

— Eu também, meu amor, sempre agradeço a Deus por termos nos conhecido da forma que foi — comenta e rimos.

Edu me beija com furor, desejoso. E esse desejo só aumentou com o passar dos anos.

Saímos do quarto da Rubi para não a acordar, e seguimos para o nosso. Assim que entramos, deslizo as alças da minha camisola bem lentamente fazendo o Edu gemer de tesão.

A camisola cai aos meus pés, me deixando completamente nua. Seu olhar de apreciação me acende. Ele me puxa para os seus braços e me leva para a nossa cama. Conhecemos o corpo um do outro como experts e sabemos como dar e receber prazer.

Com o passar dos anos, Edu ficou mais charmoso, como se fosse possível. Eu sei que ele atrai muitos olhares e suspiros das alunas, mas também sei que sou a única que o conquistou.

A Giovanna acabou sendo internada. Descobriram vários podres sobre a vida dela. Sabe, sobre ela estar saindo com vários homens e extorquindo dinheiro deles. Ela pirou, entrou em depressão e acharam melhor que ela fosse para uma clínica.

A Gabi ficou noiva do amigo do Edu, o Lucas, e logo vão se casar. As nossas mães ficaram muito amigas da mãe do meu marido, e de vez em quando saem juntas.

Minha mãe acabou também tendo o seu final feliz com o diretor do hospital que ela trabalha até hoje.

— No que você tanto está pensando? — meu marido pergunta enquanto distribui beijos pelo meu ombro.

— Em como vou te amar para sempre, meu professor! — declaro e ganho um longo e delicioso beijo.

E nós viveremos felizes para sempre!

[1] Boca Virgem, pessoa que nunca foi beijada.

[2] Francês: pronto, aqui está

Agradecimentos

Primeiramente dedico meus livros à Deus e a minha Nossa Senhora Aparecida porque eles me dão forças pra continuar a seguir a essa jornada.

Agradeço também a Dammy Costa, essa capista maravilhosa que por ter feito a capa do jeito que eu queria, ficou perfeita.

Agradeço a Lucy Santos pela disponibilidade de poder fazer a revisão de Melissa que ficou muito boa, e também a ninguém mais e ninguém menos que a minha diagramadora Veveta Miranda que, como sempre faz as diagramações dos meus bebês serem tão perfeitos e tem mais livros vindo pra você.

Agradeço também aos meus leitores fieis que conquistei desde o meu livro Samantha no Wattpad e que me seguem e leem meus livros ate hoje.

Aos grupos de Whatsapp, Facebook e Telegram que sempre falam dos meus livros e estão sempre indicando.

E por último o mais importante, agradeço á Deus por ter me dado uma pessoa tão especial da minha vida, que partiu no ultimo dia 11 de janeiro... minha rainha e mãe Rosa Helena Vicente que sempre me deu apoio por essa minha nova jornada. Aonde ela estiver sei que está muito feliz por ver que consegui vencer mais essa etapa da minha vida.

Esse livro que escrevi e todos que já foram escritos e os que vão vim, serão dedicados a minha mãe, uma mulher guerreira que lutou e até o ultimo dia de sua vida. E um dia, quero ter pelo menos a metade de sua força.

Muito obrigada a todos por estarem comigo mais uma vez e sempre, amo vocês pelo carinho que sempre tiveram comigo e mais uma vez obrigada, até o próximo livro.

Betânia Vicente